

Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior



Prêmio Top Educacional Professor Mário Palmério 2003

Alfabetização de Jovens e Adultos



ABMES **Cadernos** | **11**

Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior-ABMES

SCS Quadra 07 - Bloco "A" – Torre Pátio Brasil Shopping – Sala 52

670 330-911 - Brasília - DF

Tel.: (061) 322-3252 Fax: (061) 224-4933

<http://www.abmes.org.br>

abmes@abmes.org.br

Presidente

Gabriel Mário Rodrigues

Vice-Presidentes

Antônio Carbonari Netto

Fabrizio Vasconcelos Soares

Carmen Luiza da Silva

Secretária-Executiva

Anna Maria Faria Iida

Organizadora

Cecília Eugenia Rocha Horta

Revisão

Sylvia Cyntrão

Projeto Gráfico

Gorovitz/Maass Arquitetos Associados

Prêmio Top Educacional Professor Mário Palmério 2003 /
Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino
Superior. — Brasília : ABMES, 2004.

101 p. (ABMES Cadernos ; ISSN 1516-618X; 11)

1. Prêmio Top Educacional Professor Mário Palmério
 2. Ensino superior particular
- I. Título. II. Associação Brasileira de Mantenedoras
de Ensino Superior.

CDU : 378.141.4

A leitura do mundo antecede a leitura da palavra.
Paulo Freire

*Membros da Comissão Julgadora do Prêmio
Top Educacional Professor Mário Palmério 2003*

Glaúcia Melasso Garcia de Carvalho

Movimento de Educação de Base

José Eustáquio Romão

Instituto Paulo Freire

Maria do Socorro Callháu

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Maria Helena Ferreira da Cunha

Secretaria Extraordinária da Erradicação do Analfabetismo

Rubens de Oliveira Martins

Secretaria da Educação Superior – MEC

Sumário

<i>Apresentação.</i>	07
<i>A contribuição do uso do computador na aquisição da linguagem escrita por jovens e adultos em processo de alfabetização.</i>	11
<i>Maria Salete da Costa, Patrícia Passos Gonçalves Palácio e Gisele Paulucci</i>	
<i>Educação de jovens e adultos: um compromisso social.</i>	41
<i>Maria Aparecida Assis Batista e Zélia Maria Caldeira de Carvalho</i>	
<i>São Pedro na ponta do lápis: uma experiência na alfabetização de jovens e adultos.</i>	57
<i>Alexandre Nunes Theodoro e Selma Blom Margotto</i>	
<i>Projetos concorrentes ao Prêmio Top Educacional Mário Palmério 2003.</i>	75
<i>Normas para apresentação dos originais.</i>	97

Apresentação

O Prêmio Top Educacional Professor Mário Palmério privilegiou, em 2003, a alfabetização de jovens e adultos, visando não só ir ao encontro de uma das diretrizes do Ministério da Educação como também demonstrar que as instituições de ensino superior associadas e não associadas à ABMES, cientes de sua responsabilidade social, preocupam-se com os direitos daqueles que não puderam, na fase certa de suas vidas, freqüentar os espaços de educação formal.

A Comissão Julgadora do Prêmio composta, exclusivamente, por especialistas da área, após análise minuciosa dos trabalhos, concedeu o primeiro lugar ao *Programa de alfabetização e inclusão – a contribuição do uso do computador na aquisição da linguagem escrita por jovens e adultos em processo de alfabetização*, apresentado pela Universidade Anhembi Morumbi (São Paulo, SP). As menções honrosas foram concedidas ao *Programa cidadania e vida* do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais (Coronel Fabriciano, MG) e ao *Projeto São Pedro na ponta do lápis* das Faculdades Integradas São Pedro – Faesa (Vitória, ES).

O mundo e o conceito de alfabetização mudaram:

A leitura do mundo não pode ser feita com os mesmos instrumentos e códigos com que se faziam as leituras dos mundos passados (...)
Paulo Freire dizia que ler é tomar consciência. A leitura é antes de tudo uma interpretação do mundo em que se vive. Mas não só ler permite a interpretação. É necessário também representá-lo pela linguagem escrita. Falar sobre ele, interpretá-lo: escrevê-lo. Ler e escrever, dentro desta perspectiva, é também libertar-se. Leitura e escrita como prática de liberdade. (ALMEIDA, 2003 apud COSTA, PALÁCIO E PAULUCCI, p. 26)

O Programa de alfabetização e inclusão – a contribuição do uso do computador na aquisição da linguagem escrita por jovens e adultos em processo de alfabetização busca romper com o processo tradicional de alfabetização, por meio da introdução do computador ao processo de ensino-aprendizagem. Tal metodologia tem como objetivo viabilizar o acesso às tecnologias de informação e comunicação, bem como promover a inclusão digital de adultos analfabetos. Além disso, o programa busca corrigir alguns equívocos que podem trazer conseqüências graves para os analfabetos que, ao longo de suas vidas, querem aprender a ler e a escrever. Muitas vezes, os métodos utilizados, ao invés de ajudá-los, acabam por gerar uma auto-imagem negativa e dúvidas quanto ao seu próprio potencial de aprender.

O uso do computador no processo de aprendizagem da leitura e da escrita deixa de lado a questão de destros e canhotos; diminui o esforço motor e o desgaste mental; reforça a autonomia do aluno como sujeito de seu próprio aprendizado; abre caminhos para a construção da escrita sem constrangimentos ou culpabilidade;

permite trabalhar as dificuldades, individualmente ou em pequenos grupos, fazendo com que a descoberta dos caminhos possíveis aconteça de forma natural de acordo com as necessidades dos alunos.

O *Programa cidadania e vida* destaca-se como uma das prioridades das inúmeras ações na área de extensão do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais. O desafio de desenvolver práticas sociais voltadas à alfabetização de jovens e adultos viabiliza a realização do compromisso social da instituição com as demandas da sociedade.

Ao tirar jovens e adultos de um contexto de exclusão, o programa tem permitido que eles resgatem o direito de aprender; dêem um novo significado às suas vidas; reforcem a auto-estima; fortaleçam seus direitos de cidadãos; melhorem suas condições de vida; busquem novas perspectivas de trabalho e tornem-se agentes de seus próprios conhecimentos.

As Faculdades Integradas São Pedro – Faesa planejaram e implementaram o *Projeto de Alfabetização São Pedro na ponta do lápis*, em bairro resultante da ocupação de um “lixão”, onde predomina uma população constituída, em sua maioria, de jovens e adultos analfabetos e sem emprego fixo. Três eixos norteadores constituíram o diferencial do projeto: privilegiar a qualidade no processo de alfabetização; eliminar os fatores que dificultam a aprendizagem, tanto os somáticos (dificuldades visuais, auditivas e nutricionais) quanto os emocionais (frustrações e baixa auto-estima abalada) e viabilizar o acesso à informática e à profissionalização.

Tal linha de atuação vem fortalecendo a atuação da Faesa, permitindo maior articulação entre suas ações e cursos, especialmente os da área da saúde. Destaca-se ainda a integração da instituição para além de seus muros, isto é, com a Universidade Federal do Espírito Santo e com a comunidade em geral.

Para permitir que as instituições mantenedoras e mantidas associadas à ABMES e a comunidade em geral tomem conhecimento do conteúdo dos projetos premiados em 2003, esta edição do *ABMES Cadernos* reúne artigos assinados pelos seus respectivos coordenadores. Reúne, ainda, uma síntese de todos os projetos que concorreram ao Prêmio bem como as indicações de contatos com as instituições.

Em consonância com os fundamentos e as diretrizes dos projetos premiados, a ABMES tem a convicção de que ao lado da técnica e dos instrumentos que ela oferece é necessário preparar, de forma adequada, as pessoas que trabalham no universo complexo e delicado da alfabetização de jovens e adultos. É necessário, ainda, que as instituições articulem-se internamente por meio de seus cursos, caminhem para além de seus muros, descubram novos parceiros, visando a mudar o perfil de jovens e adultos analfabetos, para que eles possam ter melhores condições de trabalho e viver com mais dignidade.

Gabriel Mário Rodrigues

Presidente

*A contribuição do uso do
computador na aquisição da
linguagem escrita por jovens e
adultos em processo de
alfabetização*

*Maria Salete da Costa**

*Patrícia Passos Gonçalves Palácio***

*Gisele Paulucci****

*Agora tá faltando algumas coisas, eu quero um computador,
eu quero aprender, eu quero crescer.*

Severlandia, aluna do PAI, Colégio Anhembi Morumbi

*... o analfabeto em sua essência não é aquele que não sabe ler,
mas sim aquele que por suas condições concretas
de existência não necessita ler.*

Álvaro Vieira Pinto

* Mestre em Educação: Currículo na linha de pesquisa "Currículo e Avaliação Educacional", pela PUC-SP e graduada em Filosofia. Pesquisadora na área de alfabetização. alfasol@anhembibr

** Mestranda em Educação: Currículo na linha de pesquisa "Novas Tecnologias em Educação", pela PUC-SP, mestre em Comunicação e Educação, graduada em Processamento de Dados. patpassos@anhembibr

*** Mestre em Comunicação Social e bacharel em Comunicação Social com habilitação em Rádio e Televisão pela Escola de Comunicações e Artes da USP. gipaulucci2@yahoo.com.br

Introdução

O projeto pedagógico da Universidade Anhembi Morumbi favorece a criação e incorporação de novos modelos educacionais, visando à realização de pesquisas na aplicação de novas tecnologias na educação. De acordo com esse projeto, alunos do curso de Pedagogia, orientados por professores do curso, ministram as aulas no Programa de alfabetização e inclusão - PAI¹, familiarizando-se com a prática de ensino, com as particularidades da alfabetização de jovens e adultos e com as possibilidades de desenvolvimento que o uso da tecnologia pode favorecer.

O PAI vai além da ação de alfabetização em si, contribuindo para a formação de cidadãos equipados de competências mínimas para viver na nossa sociedade midiática, em que a leitura e a escrita se desenvolvem em vários códigos. Através da utilização do computador no processo de ensino e aprendizagem busca-se, além do desenvolvimento da linguagem, viabilizar o acesso às tecnologias de informação e comunicação e a inclusão digital dos alfabetizandos.

Quando o adulto chega à sala de aula, o alfabetizador precisa descobrir em que fase ele se encontra no processo de aquisição da base alfabética e, na maioria das vezes, esse diagnóstico fica comprometido pela ilegibilidade decorrente do traçado errado ou do mal traçado das letras. Neste trabalho foi registrado o estudo feito

¹ Este programa é desenvolvido em parceria com a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo e Sindicato das Entidades Mantenedoras de Estabelecimentos de Ensino Superior no Estado de São Paulo – Semesp. Na Universidade Anhembi Morumbi, as primeiras turmas iniciaram as aulas em agosto de 2003.

sobre a evolução da escrita no processo de alfabetização de jovens e adultos quando há a utilização do computador no aprendizado. Discutiu-se, ainda, o diagnóstico da escrita do estudante, e as possibilidades para aperfeiçoar essa avaliação por meio da intermediação do computador como ferramenta de ensino.

Desafios do alfabetizador e do alfabetizando

É bastante comum acontecer um equívoco ao se observar o educando em processo de alfabetização. Na maioria das vezes confunde-se a mecânica de escrever e o decodificar de letras, como se fossem verdadeiros atos de leitura e escrita, embora essa parte técnica não reflita a capacidade de ler e escrever propriamente ditas. Infelizmente, a escola continua a considerar a técnica e não a linguagem no processo de alfabetizar.

Muitas vezes, a forma de escrever ilegível, truncada, o texto não segmentado corretamente, que tanto pode ser devido a questões motoras ou simplesmente ser um momento do processo de aprender, é confundido pelos alfabetizadores com dificuldades de aprendizagem (Ilustração 1). Essa realidade se desdobra em algumas conseqüências graves. No educando, gera uma auto-imagem negativa levando-o a duvidar de seu próprio potencial e a apresentar problemas de auto-estima. Para o alfabetizador, limita a possibilidade de realização de um diagnóstico mais preciso acerca do nível real de desenvolvimento cognitivo do educando. Conseqüentemente, as conclusões de sua avaliação são injustas e depreciativas por desconsiderar aspectos construtivos que ficam mascarados pela caligrafia inadequada.

No caso do aluno, esse problema pode ser irrecuperável: muitas vezes ele abandona o curso e continua a integrar as estatísticas do analfabetismo. Quando continua a freqüentar as aulas e não é corretamente avaliado e orientado, agravam-se seus problemas de bloqueio para inserção na cultura letrada.

Quanto ao alfabetizador, faz-se necessária uma formação consistente, que amplie as possibilidades de entendimento dessas questões, além de possibilitar-lhe a assimilação das novas teorias e a familiarização com novas ferramentas de ensino.

Reunindo todas as questões anteriores resume-se, então, o problema:

- Como melhorar a qualidade do diagnóstico, de forma que não se confunda a forma de escrever com a dificuldade de aprendizagem?
- Quais as situações reais, concretas, de que dispomos imediatamente, para uma contribuição efetiva em relação à construção de uma auto-imagem mais positiva do alfabetizando?

Evolução da escrita

Na sociedade urbana em que vivemos é inevitável a convivência com sinais convencionais da escrita. A partir dessa interação, as pessoas, ainda quando crianças, começam a pensar hipóteses com relação à construção desse sistema e vão testando formas próprias de ler e escrever de maneira seqüenciada e comum a todas elas, desde que tenham informantes e interventores para ajudá-las nessa construção. Um indivíduo não aprende sozinho, ele precisa de informações,

explicações específicas que podem ser fornecidas pelo professor e aí está a razão do processo escolar. (COSTA, 1992)

Os adultos analfabetos não tiveram esses orientadores alfabetizados (pais, irmãos, professores) que fizessem intervenções adequadas nesse processo e, se passaram pela escola, fracassaram nessa tentativa. Mesmo assim vêm ao longo da vida construindo hipóteses e testando formas de escrever e de ler.

Quando alguém entende que o desenho é para ver e as letras são para ler, é possível que ao escrever trace sinais que julga serem letras, sinais não convencionais ou as próprias letras desordenadamente. Isso já é uma hipótese considerada cientificamente por pesquisadores como Emília Ferreiro e Ana Teberosky. Trata-se do nível 1 de escrita, classificada assim por essas autoras (Ilustração 2). O que importa nessa fase é a intenção que o escritor tem ao produzir esses sinais. Este é o período intrafigural que diz respeito à interpretação subjetiva da escrita, ou seja, "a intenção subjetiva do escritor conta mais que as diferenças objetivas no resultado" (FERREIRO & TEBEROSKY, 1985, p. 183).

O próximo nível de entendimento é interfigural. Ele se caracteriza pelo controle objetivo dos caracteres escritos, que se estabelecem em quantidades variadas e de diferentes letras, representando, portanto, diferenças quantitativas e qualitativas. Este é o nível 2 no processo evolutivo (Ilustração 3).

Um grande marco na construção individual do sistema alfabético se dá quando o indivíduo descobre que a escrita é a própria

representação da fala e não dos objetos em si, é a apresentação gráfica dos valores sonoros. No início dessa fase, o alfabetizando usa uma letra para cada som emitido, isto é, sua fonetização é silábica (por isso as escritas anteriores são chamadas pré-silábicas). Este é o nível 3 desta aquisição (Ilustração 4).

O passo seguinte é o acréscimo de letras. Às vezes, o alfabetizando usa uma letra para cada som e outras vezes, mais de uma, tentando a representação alfabética. Trata-se do nível 4 (Ilustração 5).

Finalmente, ele consegue representar totalmente a palavra. Escreve a palavra completa, em frases, nos textos, com grafemas correspondentes a fonemas convencionais. Esta hipótese constitui o nível 5, último da evolução alfabética. Isto não quer dizer que o aluno está alfabetizado; ainda terá um grande percurso na aquisição de regras convencionais de ortografia, de gramática e outras, que contribuem para dar significado ao texto escrito (Ilustração 6).

Ferreiro (1985, p. 281) cita que:

[...] foi graças à teoria de Piaget que pudemos tentar uma aproximação diferente a um tema que mereceu uma literatura por demais abundante, foi graças a essa teoria que pudemos descobrir um sujeito que reinventa a escrita para fazê-la sua, um processo de construção efetiva e uma originalidade nas concepções que nós, adultos, ignorávamos.

A apropriação de novos conceitos em relação à aquisição da leitura e da escrita contribui para que se torne visível a necessidade de uma formação profissional dos alfabetizadores, visto que as novas práticas requerem um conhecimento teórico definido e consciente, que os elevará à categoria de sujeitos criadores da docência.

Nesse sentido, muitas são as mudanças que deverão ocorrer nas atitudes do professor na escola: entender, interpretar, além de aceitar as formas não convencionais dos alunos escreverem, sabendo da importância que isto tem para seu desenvolvimento cognitivo.

O computador e a qualidade do processo de aquisição de leitura e escrita

Com relação a alunos em processo de alfabetização, o ensino tradicional considera muito importantes os aspectos gráficos, relacionados com o traçado, destacando a estética qualitativa, a distribuição espacial das formas, a uniformização da tipologia das letras. Por sua vez, este tipo de ensino desconsidera aspectos construtivos da linguagem em si, que representam a intenção do produtor que, ao criar o texto, ou reescrevê-lo, torna-se responsável pelos meios que utilizou e pelas estratégias que utiliza para mostrar o que quer escrever.

Essas questões se inserem no processo de alfabetização do aluno e causam problemas ao escrever e ler seus próprios textos, dificultando também que outras pessoas o façam, especialmente o alfabetizador que irá avaliá-lo, para que possa fazer intervenções adequadas no seu processo de aprendizagem.

Para minimizar esses problemas gerados pela ilegibilidade da escrita optou-se pelo uso do computador como uma das ferramentas de ensino. Pode-se afirmar que, pela sua utilização no processo de aprendizagem da leitura e da escrita, também se resolvem outros

problemas iniciais da alfabetização, pois ao usar as duas mãos sobre o teclado, deixa-se de lado questões de destros e canhotos ou ainda a dúvida quanto ao uso inicial de letras manuscritas, maiúsculas ou minúsculas (FERREIRO, 2002).

Se a dificuldade é motora, o problema já é eliminado durante a produção do texto, já que as letras não precisam ser traçadas, mas apenas digitadas. Nesse caso, o alfabetizando não precisa de esforço motor e diminui o desgaste mental, podendo concentrar-se em quais letras selecionará, quantas poderá usar, em que ordem as utilizará. Num simples toque as letras aparecem alinhadas, gerando um produto de qualidade, pelo menos no que se refere à parte estética da escrita.

Tal prática reforça a autonomia do aluno como sujeito do seu próprio aprendizado, que pode, por tentativas e erros não discriminatórios, conduzir seu processo de desenvolvimento e encontrar em sua produção escrita um resultado que lhe seja satisfatório e que pode ser facilmente decodificado por quem está lendo. Nesse sentido, a clareza e a legibilidade dos textos impressos também colaboram para o entendimento do alfabetizador acerca do nível de desenvolvimento cognitivo do aluno.

A partir dessa prática abre-se um caminho para a construção da escrita sem constrangimentos ou culpabilidades, já que, na maioria das vezes, o aluno "sabe" mais do que ele próprio tem consciência. Aqueles que já passaram pelo ensino formal têm mais dificuldades em perceber o quanto sabem de fato, sentem-se menos capazes, já que a escola, tradicionalmente, valoriza apenas conhecimentos

provindos de um determinado método estipulado por ela, desconsiderando outras fontes de aprendizagem. Por exemplo, o uso constante de treinos da escrita, onde a cópia repetitiva de um mesmo modelo tido como correto, mas destituído de significado para eles, leva-os a imaginar que o "saber" é algo já estabelecido, e não modificável, e que, portanto, eles já estão de antemão excluídos desse processo.

Soma-se a esse contexto outra perspectiva de exclusão: a constante presença no mundo atual, nos grandes centros urbanos, do uso da informática, que muitas vezes deixa à margem da sociedade aqueles que não possuem esses conhecimentos.

Com o crescimento da utilização da tecnologia, a necessidade de conhecer e manipular esses recursos tornou-se imprescindível. Os adultos não alfabetizados, que se sentem rejeitados socialmente, diante da possibilidade do uso do computador nas aulas de alfabetização se sentem valorizados e conseqüentemente estimulados e motivados para a aprendizagem, antes mesmo de se apropriarem das técnicas. Observa-se que sua satisfação os faz transpor barreiras subjetivas de aprendizagem, e o computador funciona como elemento que permite a superação desses bloqueios.

Neste sentido, por meio do uso do computador nas aulas do PAI, busca-se minimizar as diferenças de oportunidade deste público, que sofre com a impossibilidade de manter o mínimo contato com informações da cultura letrada e com o uso de novas tecnologias em seu cotidiano, experimentando, na prática o/a:

- conhecimento das letras e o desenvolvimento correto da escrita através da utilização do editor de textos;
- aprimoramento da coordenação motora através da utilização do mouse;
- desenvolvimento do processo de alfabetização e raciocínio lógico-matemático através de sites e softwares educacionais;
- contato inicial com a tecnologia através de textos e produções significativas, contextualizadas de acordo com a realidade dos alunos;
- desmistificação do uso do computador, fazendo com que a descoberta dos caminhos possíveis e o aprimoramento da técnica aconteçam de forma natural e sejam despertados pelas necessidades dos alunos;
- incentivo à produção livre e autônoma, possibilitando o autoconhecimento e elevação da auto-estima.

A importância de projetos dessa natureza é destacada por Almeida (2002, p. 8):

[...] a digitalidade cidadã se opõe ao digital servil, inocentemente maravilhado e docemente ingênuo. O mundo das novas tecnologias da informação não se apresenta aos seus usuários docilmente como se fosse um éden de facilidades e de libertação do ser humano das tarefas repetitivas e rotineiras. Ele faz parte de um mundo que deve ser conquistado por ações tecnológicas, educativas e políticas. No fundo, o mundo das informações e os espaços do conhecimento são um espaço de lutas. Sua apropriação se dá por esforços organizados, intencionalmente construídos em planejamentos estratégicos sofisticados.

Diante de todas as questões aqui apresentadas, apontou-se como alternativa para solução desses desafios, além da formação especializada de alfabetizadores, o uso do computador como ferramenta mediadora do processo de alfabetização e inclusão digital de jovens e adultos.

Descrição dos resultados

A análise das observações, acompanhamento, avaliação e registro em vídeo, realizados durante o primeiro semestre letivo do PAI (de agosto a dezembro de 2003) permitiu detectar diversos elementos que apontam para as conclusões descritas a seguir.

O uso do computador na sala de aula aumenta o interesse pelo curso mantendo a frequência regular, evitando o abandono antes de completar a aquisição da linguagem escrita: "Porque eu gosto mais de mexer no computador, ele parece que chama mais a gente pra aprender assim, sabe?"²

O fato de as dificuldades serem trabalhadas individualmente, ou em pequenos grupos, evita o comprometimento com julgamentos coletivos que levam à humilhação, rejeição e até mesmo à punição. O respeito ao ritmo e à forma de organização mental de cada indivíduo faz do aluno o sujeito de sua própria aprendizagem.

O letramento digital torna-se mais um degrau na aquisição da autonomia de produção do discurso. Textos produzidos pelos estudantes diretamente no computador revelam os encaminhamentos que a tecnologia oferece (Ilustração 7).

² Depoimento da aluna Maria de Lourdes da Silva, 61 anos, registrado em vídeo.

Ferramentas típicas do editor de texto, como o corretor ortográfico, propiciam a efetivação da autocorreção. O texto seguinte (Ilustração 8) foi desenvolvido por uma aluna que já domina o uso do corretor ortográfico. A revisão, feita pela própria aluna, eliminou os erros de ortografia, tornando-o legível apesar das lacunas de informação que ainda apresenta.

A interface com a tecnologia permite também ao educando tornar-se produtor de mensagens que chegam a um público maior, por via dos meios de comunicação em teia, na Internet. Na leitura dos registros feitos pelos alunos em um *blog*³ criado por uma das alfabetizadoras, essa constatação se evidencia.

Os motivos pedagógicos interagem com os motivos sociais, pois ensinar a escrever é dar poder político, já que as pessoas que escrevem são aquelas que fazem o registro da história.

Nesse sentido, Freire (1983, p.47) diz que:

Fazer a História é estar presente nela e não simplesmente nela estar representado [...] Quanto mais conscientemente faça a sua História, tanto mais o povo perceberá, com lucidez, as dificuldades que têm a enfrentar, no domínio econômico, social e cultural, no processo permanente da sua libertação.

Os alunos percebem esse poder e externam essa condição de autonomia nas manifestações emotivas presentes nos depoimentos coletados:

³ O *blog* é uma espécie de diário na internet, e foi desenvolvido pela alfabetizadora Luciana R. Camuzzo, com a turma de estudantes do *campus* Vale do Anhangabaú. Para maiores detalhes, consultar <<http://paianhangabau.blog.ig.com.br>>

O meu sonho é aprender a ler, pra pegar um livro e ler, preencher um cheque, ir ao banco, ter uma conta. Isso se um dia eu conseguir abrir uma conta. Ser que nem todo mundo, certo? Um cidadão cê entendeu? É isso o que eu quero. ⁴

Eu aprendi bastante coisa né, minha filha. Pra vista de que eu cheguei aqui, que não sabia nada! Agora eu tô sabendo bastante. Não sabia nem vir sozinha! Agora já tô vindo. Minhas filhas que tinham que me trazer que eu não sabia vir... Agora eu venho só! ⁵

A modificação das relações em sala de aula, onde aluno e professor trabalham juntos, com muito mais proximidade, também é percebida com clareza em diferentes momentos. Isso também facilita o desenvolvimento dos alunos, já que o próprio desconhecimento e a imponência que a máquina impõe ao aluno faz desse contato mais estreito uma necessidade iminente:

Foi uma festa quando elas souberam que iam poder usar o computador. Pra elas foi muito bom, porque eu acho que elas saíram da mesmice né? E até eu achei muito engraçado, porque a primeira vez que a gente entrou na sala elas apertavam (o teclado) e saía aquele monte de letras né? Aí eu falava: mas tem que ser devagarinho, tem que ser lentinho né? Tem que ser leve. Aí elas falavam: como que você quer alguém que pegou na enxada a vida inteira, tem a mão pesada, estar fazendo levinho? Aí, cada vez que elas iam lá e saía só uma letrinha, pra elas era uma vitória. ⁶

Desse modo, a desmistificação da tecnologia é alcançada aos poucos e de forma gradual, pois o aluno vai se sentindo mais seguro e adquirindo intimidade com o computador a cada retorno ao

⁴ Depoimento da aluna Raimunda Eduarda de Santana, 54 anos, registrado em vídeo.

⁵ Depoimento da aluna Maria José, 49 anos, registrado em vídeo.

⁶ Depoimento da alfabetizadora Cristina de Sales Silva, 19 anos, registrado em vídeo.

laboratório de informática, o que lhe causa, ainda, grande prazer e motivação.

Com relação ao processo de diagnóstico dos níveis de escrita, são muitas as vantagens que o computador traz. Pode-se comprovar essa afirmação pela análise das situações descritas a seguir.

A turma da alfabetizadora Maria de Lourdes C. de S. Sanches foi formada por alunos remanescentes de outras, que são atendidos por uma proposta tradicional, e que portanto foram classificadas, por aproveitamento, como alunos iniciantes. Essa turma inicialmente não tinha acesso ao computador. As primeiras sondagens realizadas foram muito difíceis de acontecer: como esses alunos não tinham nenhuma referência de escrita, a dificuldade de mostrar a hipótese era muito maior pela consciência do erro e falta de informação com relação às letras. Segue o exemplo do ditado (Ilustração 9) feito para um dos alunos dessa turma em 27 de agosto deste ano. As palavras pedidas foram: margarina, macarrão, sabonete, vassoura, feijão, arroz, pão, pá.

Segundo transcrição da sondagem, o aluno repetia "ma", "ma" e não sabia como prosseguir. Questionado se havia algum colega de classe com o nome que iniciasse em "ma", fez a letra "a" e disse que não se lembrava do resto. Tentando se lembrar e não conseguindo, ficava muito nervoso. Foi oferecida a ele a lista de nomes da turma para que tentasse se lembrar, mas como não conhecia nenhum nome, não resolveu. Escreveu "ma" e disse que era só o começo, mas não

se lembrava do resto. Na segunda palavra, escreveu "mão", para macarrão; ficou conflitado mas deixou assim.

A coordenadora do projeto avaliou a situação da seguinte forma:

Precisa de referência, não se contenta com o que escreve, mas não consegue lembrar mais. 'Parece' que despontou para uma hipótese silábica, mas muito conflitado. Escreveu sabonete assim: 'A O I' e disse: 'falta uma letrinha', mas não sabia qual.⁷

Em outra sondagem, realizada em 20 de outubro, dois meses depois, portanto, a sua escrita praticamente não evoluiu (Ilustração 9).

Em 11 de novembro, menos de um mês depois, foi realizada outra sondagem, com a mesma lista de palavras, dessa vez utilizando o computador como ferramenta auxiliar (Ilustração 10).

A diferença apresentada demonstra o quanto esse instrumento facilita a compreensão e leva a avanços significativos no processo, já que revela o verdadeiro nível de aprendizagem em que o aluno se encontra, além de não causar constrangimentos no momento de escrever. O texto do aluno revela uma hipótese silábico-alfabética de escrita. É importante ressaltar que, até dezembro de 2003, esse aluno continuava apresentando dificuldades para escrever manualmente e era no computador que a mudança se dava. Revelou-se, assim, uma competência cognitiva qualitativamente superior, que com certeza não seria revelada sem a intervenção gerada pela tecnologia.

Considerações finais

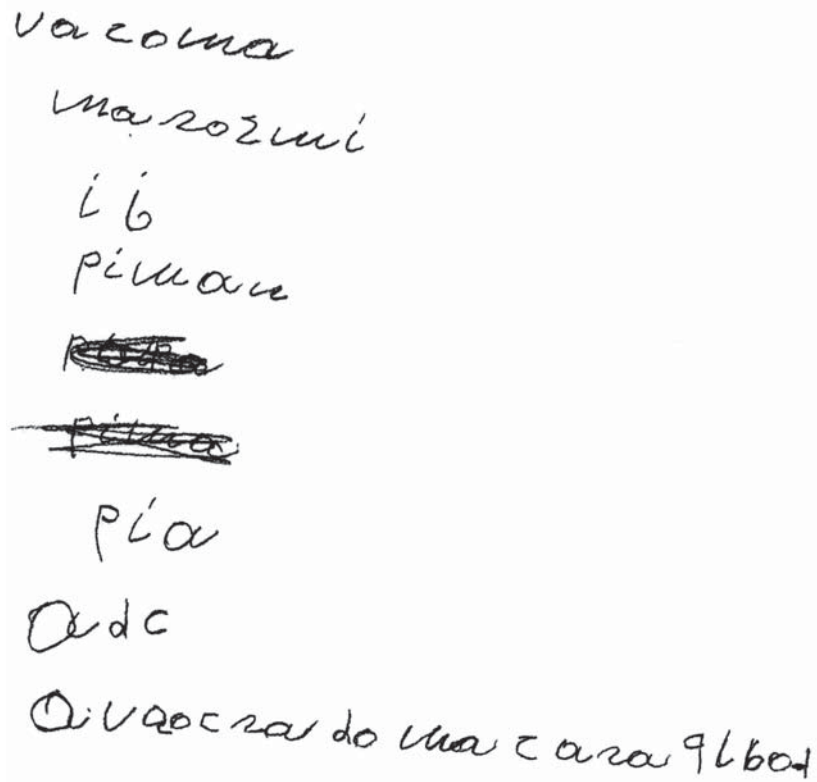
Sabe-se que o computador não resolverá os problemas de aprendizagem, mas, como cita Almeida (2003, p. 7, 8):

O mundo mudou. O conceito de alfabetização mudou. A leitura deste mundo não pode ser feita com os mesmos instrumentos e códigos com que se faziam as leituras dos mundos passados. [...] Paulo Freire dizia que ler é tomar consciência. A leitura é antes de tudo uma interpretação do mundo em que se vive. Mas não só ler permite a interpretação. É necessário também representá-lo pela linguagem escrita. Falar sobre ele, interpretá-lo: escrevê-lo. Ler e escrever, dentro desta perspectiva, é também libertar-se. Leitura e escrita como prática de liberdade.

Sabe-se também que a tecnologia não pode se resumir apenas em ética, há que se trabalhar o humano, o criador, o cultural, o social, mas é evidente que é uma ferramenta de valor precioso na sociedade atual.

Quanto ao alfabetizador, faz-se necessária uma formação consistente, que amplie as possibilidades de entendimento dessas questões, além de possibilitar-lhe a assimilação das novas teorias e instrumentalizá-lo com novas ferramentas de ensino. A mediação possibilitada pela tecnologia nos processos de ensino-aprendizagem, como demonstrado nesse trabalho, pode abrir um espaço educacional importante.

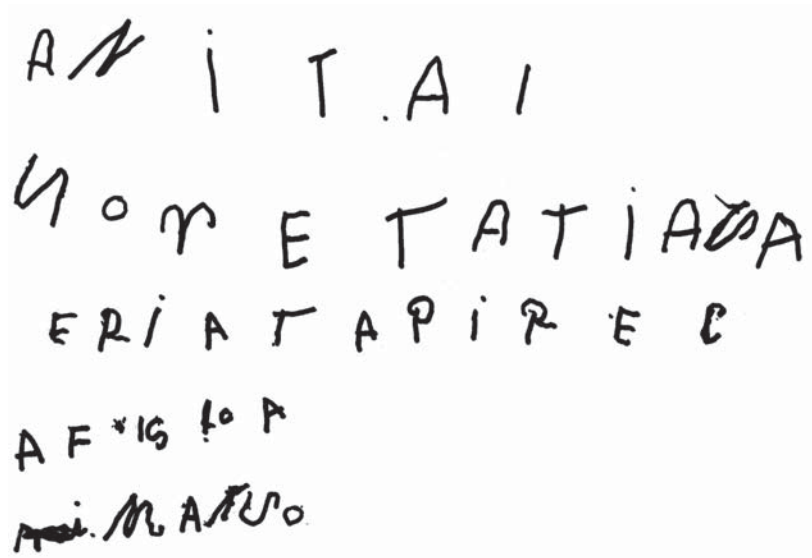
Ilustração 1*



va coma
ma rozi
i b
pima
~~ma~~
~~ma~~
pía
Odc
Oivaoc ra do ma e ara 96ba

*Esta escrita tem indícios de hipótese alfabética, mas a ilegibilidade deixa muitas dúvidas para o diagnóstico. Ao mesmo tempo, traz para a aluna uma insatisfação com a sua produção.

Ilustração 2*



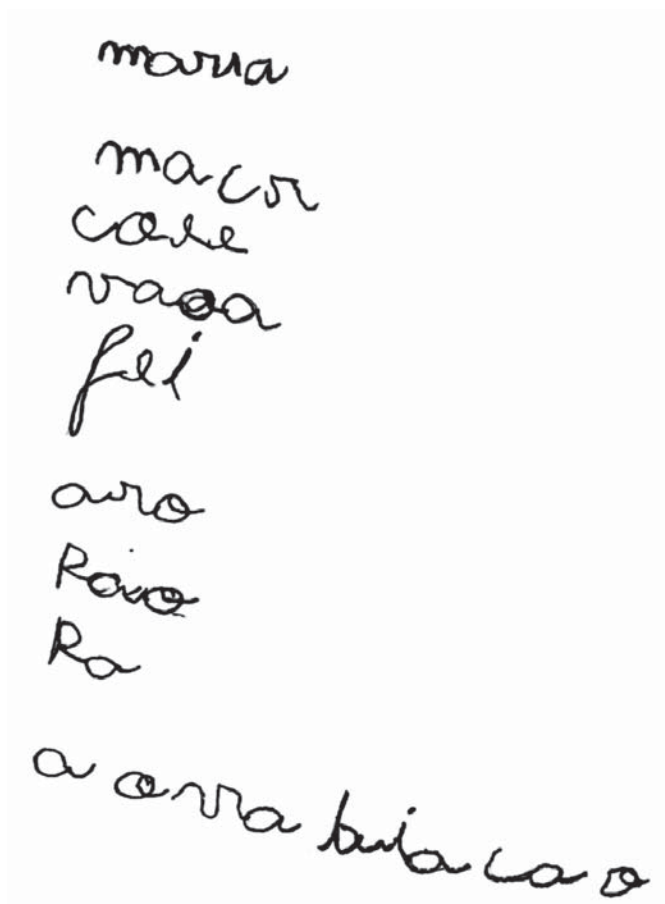
* Esta aluna escreveu as palavras que foram pedidas e as leu de forma coerente com a proposta, mas representou com letras que não dão nenhuma pista do som em relação à grafia, nem do significado, prevalecendo sua intenção. O fato de escrever letras já é uma primeira hipótese de escrita.

Ilustração 3*

Maria dos	CAAS
ONei	AF
mo	Ca
lai	US
Ae	UA
lpPt	A
Ami	F
Nipe	E
lani	AFU
blainstar	

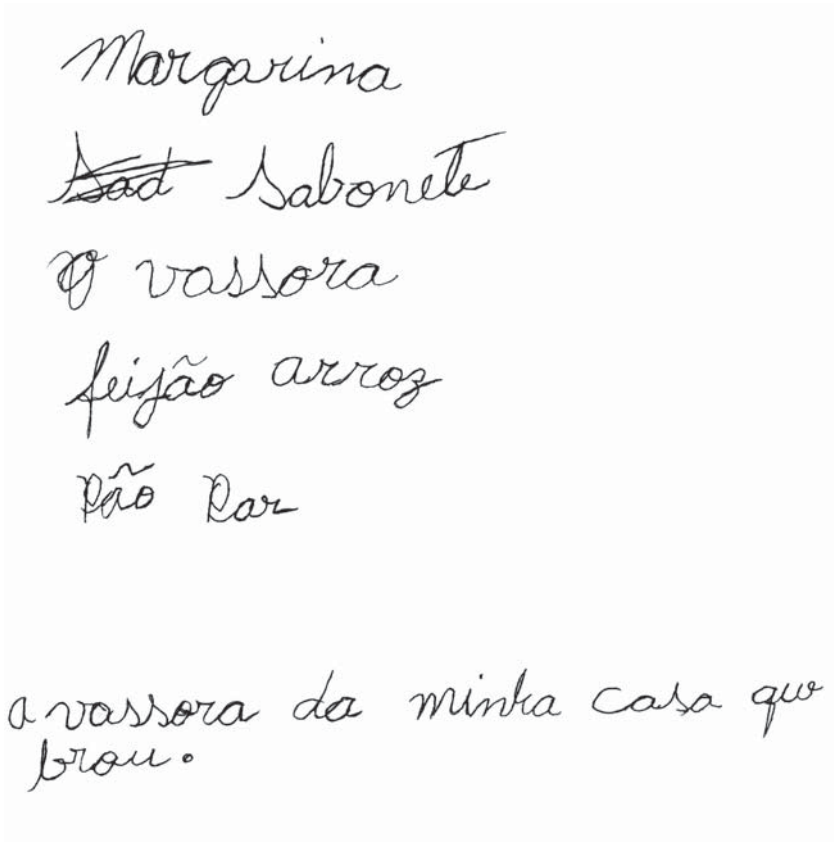
* Nessas escritas, apesar de apresentarem uma organização espacial mais adequada, os alunos ainda não fazem as grafias relacionadas com as palavras pedidas. No entanto, existe uma preocupação com a variação de quantidade e qualidade das letras, na tentativa de controle objetivo para dar significado.

Ilustração 4*



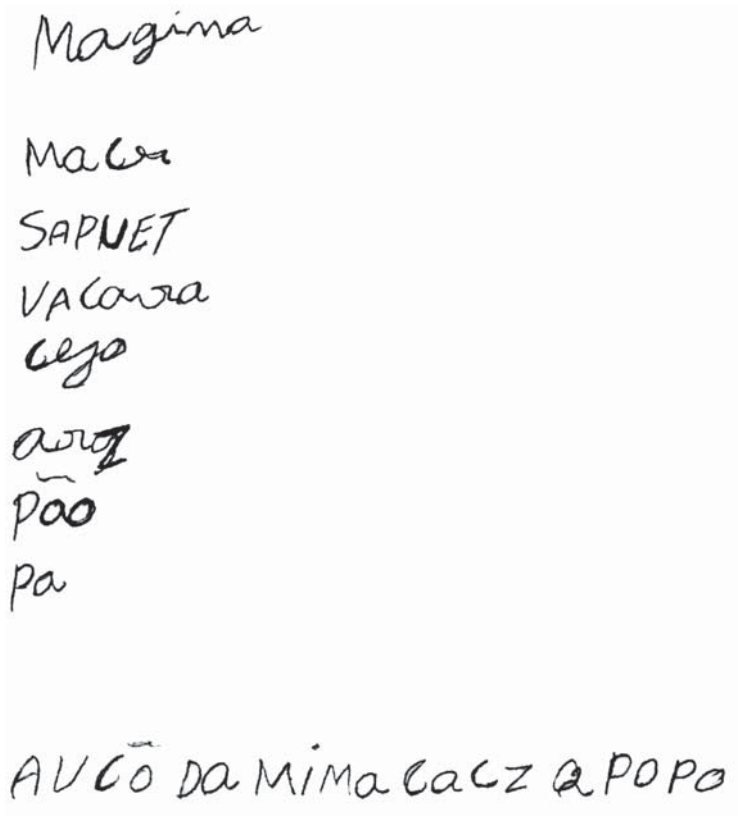
* Nessa escrita existe uma similaridade com a convencionalidade. Por exemplo, a primeira palavra pedida, "margarina", foi escrita pela aluna com um "m" para a sílaba /mar/, com um "a" que poderia representar o segundo som /ga/, um "c" substituindo /ri/. A aluna atrapalha-se com os sons finais e coloca mais um "r".

Ilustração 5 *



* É uma representação intermediária entre a silábica e a alfabética. Usa escrita silábica ('m a c r' para 'margarina') e traços silábicos e alfabéticos ('s a p n e t' para 'sabonete'). A similaridade com a escrita convencional nos permite até ler as palavras da lista de compras e a frase.

Ilustração 6 *



* Apesar dos erros ortográficos e de acentuação: vassora no lugar de vassoura e par ao invés de pá, letra minúscula no início da frase, podemos perfeitamente fazer a leitura dentro do sistema alfabético de escrita.

*Ilustração 7 ****O MEU BARIO E MUITO BONITO.**

TEM UMA PRASA MUITO LINDA
 PORQUE A MUITAS FLORIS.
 POREN NÃO GOSTO DUCORIGO QUANDO
 EMXI EFICA MITA SUJEIRA MAIS EU GOSTO
 DILA TEM MUITA CRIANSA AS MENINAS
 BRICAO DE BONEQUA E US MENINO EM
 PINAO PIPA JOGAO BOLA LA NA MIHA CASA TEM
 UM ARROSA ODE TEM MUTOS PE DICANA I VERDURAS
 E FLUTAS TEM UM LAGO E PEIXE TAM BEM

CORREÇÃO**O MEU BAIRRO É MUITO BONITO.**

TEM UMA PRAÇA MUITO LINDA
 PORQUE HÁ MUITAS FLORES.
 PORÉM, NÃO GOSTO DO CÓRREGO QUANDO
 ENCHE E FICA MUITA SUJEIRA. MAS, EU GOSTO
 DE LÁ. TEM MUITA CRIANÇA. AS MENINAS
 BRINCAM DE BONECA E OS MENINOS EMPINAM PIPA E JOGAM
 BOLA. LÁ NA MINHA CASA TEM
 UMA ROÇA COM MUITOS PÉS DE CANA, VERDURAS
 E FRUTAS. TEM UM LAGO E PEIXE TAMBÉM.

Querida Salete,

Repare que Severllândia já está configurando o texto. Estou investindo com ela em questões ortográficas e sintaxe. Tem boa leitura e compreensão dos textos, por isso acho que posso avançar mais com ela.

Se você quiser pode imprimir este texto e anexar ao cartaz do bairro, que ela fez em parceria com Maria. Os nomes estão no verso do cartaz.

* Texto produzido pela aluna Severllândia, seguido da correção e dos comentários da alfabetizadora responsável.

*Ilustração 8 **

São Paulo, 25 de outubro de 2003.

Versão do texto: Você é importante.

Meus filhos são importantes, porque Deus quis me enviar. Ele já me deu quatro netos e mais uma bisneta bastante inteligente que pelo menos de todo que eu passei na vida, perdi meu marido, mas Deus é importante na minha vida, que sem ele eu não vivo para trabalhar.

Jeruza Xavier dos santos

* Texto produzido pela aluna Jeruza utilizando o editor de texto no computador e as ferramentas de correção ortográfica.

Ilustração 9 *

Claydon Soares da Silva
Acluldon Soares da Silva

MA
MAO,
AOE
AOA
AO
AO
AO
AIA

ALAFERSON 20/10/2003

AIAEA AO AO PO PO

AOA.O
AOEE,
AOAO
i i-
AIAT
POPO,
PÉPE

* A primeira sondagem, no alto da página, foi realizada em 27 de setembro de 2003. A segunda, abaixo, está datada de 20 de outubro de 2003.

*Ilustração 10 **

ALAERSON SOARES DA SILVA

ALAERSON

MAGEA

MA C RRUO

SAOBONTE

AOA

FVASURA

AOE

PAO

PTAO

* Sondagem realizada em 11 de novembro de 2003, vinte e um dias após a anterior, com a mesma lista de palavras, dessa vez utilizando o computador como ferramenta auxiliar.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, F. **Exclusão social**: um sofisticado e disfarçado olhar sobre a exploração. Artigo não publicado, 17, nov, 2002.

CITELLI, A (org). **Aprender e ensinar com textos não-escolares**. São Paulo: Cortez, 1998.

CITELLI, A (org). **Outras linguagens na escola**: publicidade, cinema, TV, rádio, jogos, informática. São Paulo, Cortez, 2001.

COSTA, MS. **Mudamos a alfabetização escolar**. E a avaliação como fica?, 1992. 103 p. (Dissertação de Mestrado em Educação: Supervisão e Currículo. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC)

DURANTE, M. **Alfabetização de adultos**: leitura e produção de textos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

EISENSTEIN, S. **O sentido do filme**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre a alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1989.

FERREIRO, E. **Passado e presente dos verbos ler e escrever**. São Paulo: Cortez, 2002.

FERREIRO, E. e TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FERRÉS, J. **Vídeo e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1983.

FREIRE, P. **Medo e ousadia** – cotidiano do professor.
Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Professor sim, tia não**: carta a quem ousa ensinar.
São Paulo: Olho D'água, 1993.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra,
1994.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à
prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOSCIOLA, V. Videogravação em sala de aula. In **Comunicação e
educação**. São Paulo: USP/Moderna, n.º 4, set/dez de 1995.

LOPES, MIV. **Pesquisa em comunicação** – formulação de um
modelo metodológico. São Paulo: Loyola, 1990.

MORÁN, JM. O vídeo em sala de aula. In **Comunicação e
educação**. São Paulo: USP/Moderna, n.º 2, jan/abr de 1995.

PARECER CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO 880/89. Brasília:
06/11/1989.

PINTO, AV. **Sete lições sobre educação de adultos**. São Paulo:
Cortez, 1987.

REVISTA DA ALFABETIZAÇÃO SOLIDÁRIA n.º 2 jan./jun.2002.
São Paulo: Unimarco, 2002.

TEBEROSKY, A. **Aprendendo a escrever:** perspectivas psicológicas e implicações educacionais. São Paulo: Ática, 1997.

TEBEROSKY, A. **Psicopedagogia da linguagem escrita.** Campinas: Trajetória, 1989.

VYGOTSKY, LS. **Pensamento e linguagem.** Lisboa: Antídoto, 1979.

VYGOTSKY, LS. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Educação de jovens e adultos: um compromisso social

*Maria Aparecida Assis Batista**

*Zélia Maria Caldeira de Carvalho***

Introdução

Analfabetismo zero é a proposta do atual governo, num país em que mais de 15 milhões de adultos são analfabetos absolutos. Sem contar o número alarmante de crianças, conforme define Grossi (2002), que, ao final dos anos iniciais do Ensino Fundamental, não lêem ou não escrevem.

Considerando-se que o acesso à leitura é hoje o cartão de entrada para a cidadania e que o mundo, cada vez mais digitalizado, define como fator de exclusão a falta de domínio dos códigos da escrita e do cálculo, a alfabetização pode ser considerada uma chave da maior importância para o crescimento social do País.

* Professora do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais; mestranda em Educação pela PUC-MG; coordenadora de projetos de alfabetização do Unileste-MG.

** Professora do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais; especialista em Psicopedagogia e Alfabetização, coordenadora da extensão da Área de Educação.

Levando-se em conta a grande responsabilidade dos governos na busca de alternativas para os problemas sociais do País, é também função das instituições e empresas colaborar para minimizar as condições de desigualdade em que vive o povo brasileiro. Uma instituição educacional pode e deve elaborar práticas sociais que se voltem para a melhoria da qualidade de vida de seus funcionários e da comunidade na qual está inserida. Foi pensando no papel social da universidade, e considerando as instituições de Ensino Superior como locus de ação para a cidadania e espaço privilegiado de formação profissional, que o Centro Universitário do Leste de Minas Gerais (Unileste-MG), com a participação dos cursos Normal Superior e Pedagogia, se envolveu, desde 1995 até os dias atuais, em práticas sociais voltadas para a alfabetização de adultos, entendendo-as como forma de propiciar aos seus participantes o resgate da cidadania e da auto-estima.

Ensino, pesquisa e extensão: uma articulação que viabiliza ações sociais no ensino superior

Falar em responsabilidade social nos obriga a enfatizar a relação da universidade com a sociedade e, especificamente, a articulação do ensino, da pesquisa e da extensão com ações que viabilizem a realização do compromisso social das instituições de ensino superior frente às demandas da sociedade.

A modernidade nos mobiliza para uma reflexão e análise mais profunda no que se refere à indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. As ações extencionistas precisam ser focalizadas como um espaço criativo que necessita ser repensado, bem como

incluídas nas pautas de discussões acadêmicas, evidenciando a produção do conhecimento e a função social do ensino superior. A esse respeito, Freire (1996) assim se posiciona:

O conhecimento se dá num contexto discursivo de interlocução e interação, através do desvelamento crítico da realidade, como uma das condições necessárias ao exercício da plena cidadania: exercer seus direitos e deveres frente à sociedade global.

Nesse sentido, a universidade exerce papel preponderante na construção e na socialização do conhecimento cientificamente construído pela humanidade. Tal conhecimento se concretiza nas práticas sociais, pela articulação, ensino, pesquisa e extensão.

A qualidade acadêmica tem sido amplamente questionada devido aos desafios da modernidade e à velocidade com que as mudanças acontecem. Essas mudanças exigem providências imediatas na academia. Há que se pensar, no mesmo ritmo que as mudanças ocorrem, na adequação dos currículos, nas práticas docentes, nos paradigmas epistemológicos, às vezes concebendo o conhecimento como algo pronto. Por isso, torna-se necessário pensar sobre a função social da universidade, no seu compromisso de articular o processo educativo – científico e cultural – visando promover transformações na sociedade. Nessa perspectiva, a universidade, na sociedade em que se insere, tem a possibilidade de intervir na realidade, ampliando os espaços de promoção de mudanças. Mas, para isso, é necessário que se conceba o conhecimento como sendo algo dotado de historicidade, de dialeticidade, podendo ser a todo momento reconstruído e ressignificado.

... não há saber que seja pronto e completo. O saber tem historicidade pelo fato de se constituir durante a história e não antes da história e nem fora dela. Então, o saber novo nasce com a humanidade de quem espera um dia envelhecer para que o outro o substitua. (FREIRE,1996)

Assim, o conhecimento é, a todo momento, modificado, ressignificado, para se constituir em algo novo, com história, em sintonia com as transformações culturais e sociais. À universidade, cabe acompanhar criticamente essa evolução, fazendo parte dela, se constituindo e sendo, ao mesmo tempo, constituída pelo contexto social e histórico vivido. Desse ponto de vista, o compromisso social da universidade se concretiza quando, por meio de suas atividades, é capaz de produzir o conhecimento e torná-lo acessível a todos (BOTOMÉ, 1998).

A partir dessas convicções, aliadas ao compromisso social da universidade, é que a educação de jovens e adultos se destaca como prioridade entre as ações extensionistas no Unileste-MG.

Historicamente, a educação de jovens e adultos não tem sido contemplada como direito daqueles que não tiveram garantido o ingresso em instituições escolares, já que muitas vezes, não lhes foi permitida a permanência nesses espaços de educação formal.

Essas realidades produziram e vêm produzindo, ao longo de nossa história, um contingente significativo de analfabetos e semi-analfabetos. Jovens e adultos, vítimas da exclusão social, exclusão da escola, da educação e do direito à cidadania. Jovens e adultos, a quem foi negado o direito à educação elementar completa. Pode-se, então, afirmar que foram até mesmo impedidos de vivenciarem a experiência da escolarização em idade própria. Na verdade, foram alijados do processo educativo.

Além das privações sofridas por serem analfabetos, os jovens e, principalmente, os adultos, estão sujeitos a outras situações que também dificultam e, por vezes, impedem sua permanência na escola. Eles também vivenciam situações constrangedoras que, quando não são bem enfrentadas, podem ser condicionados a aceitar, mais uma vez, a condição de excluídos.

Dentre as situações experienciadas pelos alunos, pode-se destacar a dificuldade de conciliar trabalho e atividades escolares, falta de recursos materiais, desgaste físico, desânimo, falta de perspectiva em relação aos estudos, críticas procedentes dos familiares, autoestima baixa, dentre outros.

Nesse sentido, a soma desses fatores, a autculpabilização, a culpabilização da família, os mecanismos de exclusão da escola e a alienação social, condicionaram essas pessoas à aceitação passiva da condição de sujeitos condenados a viverem na marginalidade.

Pelos resultados alcançados no Programa Cidadania e Vida, pode-se afirmar que tirar os jovens e adultos desse cenário, resgatar-lhes o direito de aprender, dar-lhes um significado novo à vida, só é possível via escola. É na escola que as perspectivas se abrem, que brota a autoconfiança e que fortalece o direito de cada um assumir-se como agente do próprio conhecimento.

Nessa perspectiva, a experiência vivenciada pelo Centro Universitário do Leste de Minas Gerais confirma sua responsabilidade social para a melhoria da qualidade de vida dos sujeitos envolvidos no *Programa Cidadania e Vida*.

Programa cidadania e vida: dialogando com a realidade

O *Programa cidadania e vida* é um trabalho realizado pelo Centro Universitário do Leste de Minas Gerais, uma Instituição *multicampi*, situada na região do Vale do Aço, a 200Km da capital, Belo Horizonte. Em Coronel Fabriciano, situa-se o *campus* I, onde são oferecidos os cursos das áreas de Ciências Sociais Aplicadas e Exatas. Em Ipatinga, estão os cursos da área de Saúde e, em Timóteo, os cursos da área de Educação. Essas três cidades compõem um pólo regional de desenvolvimento, cercadas, ainda, por outros pequenos municípios, cuja economia está diretamente ligada à indústria, comércio e serviços dos três maiores municípios. O Unileste MG tem sido importante referência na formação dos jovens da região, tendo hoje 25 cursos em oferta. Na área da Educação, o curso de Pedagogia, localizado no *campus* de Timóteo, tem sido referência na formação de professores para todos os níveis de ensino. Buscando integrar as três funções basilares da instituição de ensino superior, ensino, pesquisa e extensão, o Curso promoveu uma pesquisa no segundo semestre de 1997, junto à comunidade situada no entorno do *campus* I, visando a levantar dados sobre os índices de analfabetismo da região. O resultado foi surpreendente, o que mobilizou o Conselho do Curso no sentido de elaborar projetos que buscassem minimizar a situação.

Tal problema foi recebido como um grande desafio para alunos, professores e gestores da Instituição, que se surpreenderam com os resultados da pesquisa: 30% de adultos analfabetos e semi-analfabetos, desocultando uma realidade cujas marcas da pobreza e do abandono das autoridades podia-se notar pelas características geográficas e paisagísticas, marcadas por infra-estrutura precária,

construções rudes em terrenos acidentados e de difícil acesso. Saltava aos olhos o contraste entre as vidas "desesperançadas" e "apáticas" do morro e as vidas ruidosas e vibrantes no interior do *campus*, completamente arborizado, de construções sólidas, iluminado, e repleto de sonhos e esperanças num futuro profissional promissor.

A partir da constatação da urgente necessidade de promover maior e mais eficaz interação entre a instituição e a comunidade, professores e alunos das disciplinas "Interação Escola-Família-Comunidade", "Sociologia da Educação" e "Estágios Supervisionados" idealizaram o *Programa cidadania e vida*, aglutinando projetos sociais, dentre eles, o *clube de mães e pais renascer*, assim denominado tendo em vista os objetivos do projeto, especialmente o de proporcionar novas perspectivas de inserção social e de participação cidadã dos sujeitos daquela comunidade. Esse projeto originou a classe de Alfabetização de Jovens e Adultos, posteriormente denominada de *Projeto construindo o saber*.

Considerando-se que a responsabilidade social da Universidade se amplia e se modifica a todo momento, tanto no ensino como na pesquisa e, sobretudo na extensão, os compromissos do Unileste MG se ampliaram, articulando os diversos cursos da instituição com outros segmentos da sociedade.

A pesquisa realizada no entorno do *campus I*, em 1997, para conhecer o perfil daquela comunidade, mostrou nitidamente o quadro do analfabetismo da população, exigindo providências imediatas, dentre elas, a intervenção, via educação.

Nos primeiros contatos com a comunidade, percebeu-se que as necessidades eram bem mais significativas do que as reveladas na pesquisa. *O Programa cidadania e vida* se ampliou para além da classe de Educação de Jovens e Adultos, passando a oferecer outros serviços à comunidade.

Em 1998, foi organizada a primeira classe de Educação de jovens e adultos, nas dependências da instituição. Esse trabalho vem sendo desenvolvido, até o momento, com três turmas. A notícia sobre a existência desse projeto se espalhou até outros bairros, ampliando a cada semestre a demanda da comunidade em busca das oportunidades oferecidas pelo Unileste-MG. Com isso, oportuniza-se concretização de um sonho da população, que não teve acesso à escola, em idade própria, de ser alfabetizada.

Outra demanda relevante para o programa foi detectada entre os próprios funcionários de serviços gerais e setor de obras. Constatou-se que dezessete deles não tinham escolaridade correspondente aos anos iniciais do Ensino Fundamental, sendo que, nesse grupo, quatro eram analfabetos absolutos. Tratava-se de um grupo formado por pessoas que foram excluídas do sistema escolar, possuindo, portanto, pouca ou nenhuma escolarização, bem como características socioculturais e tempos diferenciados de aprendizagem. Em 2002, foi criado o *Projeto recomeçar no Unileste*, direcionado para a elaboração de estratégias que possibilitassem a inserção de funcionários de Serviços Gerais e Obras do UnilesteMG em um programa de alfabetização e de capacitação nas áreas de leitura, de escrita e de cálculo. Foi organizada uma turma, cujos "alunos-funcionários", apesar de apreensivos em princípio, buscavam

no projeto a oportunidade de realizar sonhos que estavam intimamente ligados à apropriação desses conhecimentos básicos.

Para a concretização dos trabalhos, o projeto se estruturou em módulos, englobando os conteúdos escolares dos anos iniciais do ensino fundamental. O diagnóstico preliminar possibilitou organizar eixos temáticos de acordo com a realidade sócio-cultural dos alunos, levando-se em consideração as experiências de vida de cada um.

Assim, a metodologia utilizada teve como base os princípios da dialogicidade, da flexibilidade e da politicidade. A implementação do trabalho, no que diz respeito principalmente às classes de alfabetização, compreendeu uma seqüência de ações de natureza dialética, tendo como referência estudos sobre o Método Paulo Freire.

O programa se consolidou por meio de ações voltadas para o universo cultural e histórico dos alfabetizandos. A primeira ação descrita como "investigação temática" se referiu a uma investigação do universo vocabular e estudo dos modos de vida do grupo de alunos, traduzindo na escolha de temas geradores para, *a posteriori*, originar palavras geradoras ligadas a eles, em função da relação social que os sustentam. A segunda ação foi descrita como a "tematização das palavras geradoras", ou seja, a codificação e decodificação dessas palavras. A terceira ação diz respeito à "problematização" que visou inserir as palavras no contexto social dos alunos e englobar todos os fonemas da língua, para que, com esse estudo, fossem trabalhadas todas as dificuldades fonéticas. A quarta ação envolveu a "avaliação" do processo numa justaposição

entre o conhecimento e os sujeitos envolvidos. A metodologia do programa visou, de uma forma geral, envolver o aluno no seu próprio processo de construção do conhecimento e no incentivo à conquista da autonomia para dar continuidade à sua formação.

Em 2003, iniciou-se a parceria com o Município de Timóteo, por meio do *Projeto Recomeço*, para alfabetização e escolarização de homens e mulheres que viviam do "lixão", nos arredores do município e que hoje, com a desativação do local, criaram a Associação de Catadores de Materiais Recicláveis (Ascati). Além das atividades de escolarização, o trabalho envolve oficinas lúdicas e dinâmicas de integração. Ainda em 2003, iniciou-se no bairro Limoeiro, em Timóteo, o levantamento de dados sobre a situação de escolaridade dos moradores. O número de pessoas não alfabetizadas levou à elaboração, pelo Unileste-MG, do Projeto *Unisaberes*. Desse modo, a Educação de Jovens e Adultos é, no tempo presente, instituída e reconhecida, tanto pela comunidade como pelos funcionários da instituição, como um laboratório vivo das práticas de Educação de Adultos, "lugar do saber", a serviço da comunidade, como instrumento de mudanças sociais. A ampliação desse projeto e das demandas dos alunos, motivou a diversificação das modalidades educativas oferecidas. Os alunos sentiam a necessidade de outros conhecimentos, além da apropriação da leitura e da escrita.

Nesse sentido, pode-se afirmar que os resultados vêm sendo amplos e animadores, provavelmente maiores do que se possa mensurar, considerando-se os aspectos subjetivos que as ações atingem, pois sempre que as pessoas da comunidade se reúnem em torno de um objetivo comum, fortalecem os vínculos de

solidariedade, reforçam as demandas do grupo, mobilizando-os para a luta em favor dos seus direitos sociais, conforme relatos seguintes.

De vítimas de exclusão a atores sociais

O primeiro grande avanço registrado foi a tomada de consciência dos participantes do *Clube de pais e mães renascer*, de que poderiam se organizar para melhorar as condições de vida daquela comunidade. A partir das atividades do clube, que incluem palestras, seminários, oficinas e minicursos dos mais variados temas, foram descobrindo possibilidades, incluindo o projeto de construção de uma creche comunitária, em parceria com a prefeitura local.

Esse contexto favoreceu a ressignificação do espaço do *campus*, a partir das oportunidades de inserção e participação nas atividades do programa. Nesse sentido, a primeira e significativa repercussão desse trabalho tem sido a melhoria das relações entre a escola e a comunidade.

Não se tem mais registros de atitudes hostis, ao contrário, hoje é comum a convivência com as pessoas da comunidade que transitam livremente nas dependências do *campus*, participando dos trabalhos e sentindo-se valorizadas, usufruindo um pouco das inúmeras oportunidades que o espaço acadêmico e esportivo possibilitam.

Quanto ao processo de alfabetização, os resultados foram e vem sendo animadores, pois o Programa já atendeu, de 1998 a 2003, 377 alunos em classes de alfabetização. Alguns alunos, até mesmo já ingressaram na rede de ensino regular e estão dando continuidade

aos estudos. Outros foram contratados pelo Unileste-MG e outras empresas da região. Ao estender o programa aos funcionários da própria instituição, implantou-se o Projeto recomeçar no *Unileste*, coerente com os propósitos do Programa de reconduzir os funcionários às oportunidades de crescimento pessoal e profissional.

Nesse sentido, o projeto tem influenciado na maneira como o aluno vê a própria escolarização, pois, além da aquisição e construção de conhecimentos, o Projeto tem possibilitado a realização de conquistas pessoais e profissionais.

Os alunos participantes têm feito considerações memoráveis, a exemplo de Piedade, que afirma: "antes eu era cega e não sabia. Quem sabe ler descobre o mundo de outra forma". Outro aluno, José Geraldo, ajudante de pedreiro, associou as letras e os fonemas com as notas musicais do violão que adora dedilhar. Foi fazendo essas relações que José Geraldo e os demais colegas aprenderam a ler, a escrever, a calcular e a começar a perceber o mundo com um novo olhar.

Pedro, falando sobre seu passado, relata os episódios de exploração em que viveu por não saber ler e escrever. Segundo ele, quando jovem, trabalhou no garimpo e muita riqueza passou por suas mãos, mas como trabalhava para um atrelado de coronéis, era explorado e mal remunerado. Também trabalhou numa determinada fazenda mineira, tendo sido muitas vezes, ludibriado nos cálculos mais simples, pois quando fazia compras no armazém da fazenda, por mais que trabalhasse para pagar as contas, estava sempre devendo. Sabia que não tinha dívidas porque "fazia tudo de cabeça, mas era

passado para trás porque não sabia colocar as coisas no papel". Ao terminar cada episódio que contava, Pedro sempre suspirava e dizia: "Ah, se eu soubesse escrever naquela época!"

Essas singularidades servem para confirmar que as dimensões formativas da vida do adulto são encontradas, principalmente no trabalho, em suas experiências e vivência, em seu meio sociocultural, na sua trajetória de vida, carregadas de memória e significados.

Pode-se afirmar que o Projeto tem propiciado o resgate da cidadania das pessoas que buscam nas atividades realizadas novas perspectivas de trabalho e de melhoria da qualidade de vida, buscando evidenciar práticas sociais de leitura e escrita, como sendo instrumentos de reconstrução do real e da reeleitura do mundo.

Atualmente, todos os funcionários de serviços gerais e setor de obras do Unileste-MG dominam os códigos básicos da leitura e da escrita. Vários funcionários concluíram os anos iniciais de ensino fundamental. Os demais continuam estudando para a conclusão dos anos iniciais do ensino fundamental. Isso significa que, na instituição não há analfabetos em seu quadro de funcionários.

Novas ações estão sendo empreendidas, dentre elas, a parceria com o município de Timóteo para a alfabetização e escolarização de vinte homens e mulheres que moravam no lixão nos arredores do município e que hoje, com a desativação do local, criaram a *Associação dos catadores de materiais recicláveis*.

Considerações finais

Mudar o perfil dos jovens e adultos analfabetos é um dos compromissos das instituições de Ensino Superior.

É responsabilidade dessas instituições educativa, promover práticas de inclusão que ofereçam a esses sujeitos oportunidades educativas, negadas anteriormente, para que sejam capazes de ler, escrever, interpretar, compreender a leitura que fazem do mundo e de si mesmos.

Nesse sentido, ler e escrever constituem um desafio permanente e uma demanda social que precisa ser ressignificada, não só pelo sistema escolar, mas também por toda a comunidade que participa e se preocupa com a inclusão social. Como bem aponta Freire (1996), uma das tarefas mais importantes da prática educativa é propiciar condições em que os educandos, em suas relações uns com os outros, vivam a experiência profunda de assumirem-se como seres sociais e históricos, reflexivos, críticos e transformadores.

As ações do *Programa cidadania e vida* exigem, além do compromisso técnico, político e social, uma relação de alegria, cumplicidade e esperança, pois vem concretizar as possibilidades que cada ser humano tem de realizar seus sonhos. Thiago de Melo bem que já decretou "a partir deste instante haverá girassóis em todas as janelas, que os girassóis terão direito a abrir-se dentro da sombra e que as janelas devem permanecer abertas para o verde onde cresce a esperança".

Conscientes dos desafios futuros e da responsabilidade com a inclusão social, o UnilesteMG, por meio do *Programa Cidadania e Vida* continua sua caminhada, pois quer ser um lugar onde, a cada dia, mais pessoas aprendem, ensinando a ler e escrever palavras, com pessoas que ensinam a reler e reescrever a vida. Pessoas com o coração aceso e o espírito consciente, aberto e cheio de perguntas, cientes de que viver é um direito alimentado pela utopia e impulsionado pelas ações cotidianas.

Referências bibliográficas

BOTOMÉ, Sílvio Paulo. **Pesquisa alienada e ensino alienante** – o equívoco da extensão universitária. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática docente. São Paulo: Paz e terra. 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GROSSI, Ester. Analfabetismo zero. **Revista Presença Pedagógica**. Belo Horizonte, v.9, n.49, p.5-11, jan/fev. 2003.

*São Pedro na ponta do lápis:
uma experiência
na alfabetização de
jovens e adultos*

*Alexandre Nunes Theodoro**

*Selma Blom Margotto***

Introdução

O nascimento da escrita em todos os povos assinala tanto um rompimento com as formas anteriores de gerar conhecimento, como também uma nova maneira de preservar a sua memória e de se comunicar com os seus semelhantes. Tal fato, influencia, inclusive, a forma como narramos a trajetória do homem sobre a terra: pré-história (antes da escrita) e história (após o domínio da escrita).

A importância da posse deste instrumental (escrita e leitura) variará conforme o estágio de desenvolvimento econômico e social das diversas civilizações. Entretanto, não se pode negar que em todos os tempos e lugares os indivíduos que detinham este conhecimento ocupavam uma posição privilegiada.

* Diretor Geral do Sistema Faesa de Educação Superior. Administrador de empresas. alexandre@faesa.br

** Coordenadora de Extensão da Faculdades Integradas São Pedro – Faesa. Doutora em História e Filosofia da Educação pela Universidade de São Paulo. selma@faesa.br

No mundo atual, a interligação de todos os fatores determinantes da sobrevivência do ser humano impedem que se dispense este conhecimento. Em todos os momentos tem-se necessidade de conhecer e usar este código, mesmo aqueles que aparentemente poderiam atuar sem que dele dependessem.

Nos países desenvolvidos têm-se como fundamental que todos os cidadãos recebam obrigatoriamente do Estado a educação básica que lhes permita inserir-se na cultura letrada de forma produtiva.

No Brasil, até 1930 foram determinadas as

...diferenças imensas de condições materiais e não materiais de vida da maioria de sua população, condições privilegiadas em sua essência para criar, estabelecer e manter o clima ideológico propício – e que na realidade se concretizou – para o ostensivo analfabetismo brasileiro. (FREIRE, 2001, p. 240)

Após a segunda guerra mundial, com a industrialização e a urbanização do País se dando de forma relativamente mais rápida, a escolarização da população, ainda predominantemente rural, começa a se intensificar com ações governamentais sustentadas teórica e ideologicamente nas teorias de desenvolvimento. Emerge, portanto, a partir desta época como uma questão econômica, mais do que política como era tida nos períodos anteriores. (FERRARO, 2002).

Entretanto, até a década de 50 do século XX, apenas 50% da população brasileira era considerada como alfabetizada, mesmo levando-se em consideração os critérios relativamente elásticos da época para se determinar quem era ou não alfabetizado. Segundo os censos, seria considerada como alfabetizada "não a pessoa que saiba

(ler), mas a que tenha declarado saber ler e escrever..." (FERRARO, 2002, p. 31)

A aceleração das ações governamentais, como vimos, baseadas nas necessidades produtivas determinadas pelos países condutores das políticas mundiais, fará com que seja acelerada a alfabetização dos brasileiros nas décadas seguintes: as indústrias, o comércio e os serviços exigiam cada vez mais, mão de obra minimamente preparada para atuar. Chega-se portanto, à década de 1970 com uma taxa de 33,6% de analfabetos entre a população maior de 15 anos, uma queda brusca, considerando-se os períodos anteriores.

Os dados apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE mostram um declínio, ainda maior a partir de 1986, na taxa de analfabetismo da população maior de 15 anos: de 20 % em 1986 para 13,3 % em 2000. Se analisarmos as regiões sul e sudeste, as mais ricas e industrializadas do País, tais índices melhoram significativamente, pois em alguns casos a diferença é de 150% (7,8% de analfabetos na região sul e 7,8% na região sudeste). Entretanto, dados do Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – Inep sobre o Espírito Santo apontam a existência de 11,7 % de analfabetos com 15 anos ou mais.

No que se refere à cidade de Vitória, os números mostram que no ano de 2000 tínhamos em torno de 27.595 pessoas totalmente analfabetas, ainda 10.718 com apenas um ano de escolaridade, e 12.148 com somente dois anos de permanência na escola - período considerado insuficiente para alfabetização funcional de um aluno.

Em todo o mundo previa-se uma melhoria substancial na qualidade de vida e de saúde até o ano 2000, com a Organização Mundial de Saúde – OMC otimista, declarando em suas conferências o objetivo de alcançarmos *saúde para todos* até o final do milênio. Entretanto percebemos que estamos longe de alcançar resultados bem mais modestos. Não apenas as condições de saúde no Brasil e na maior parte do mundo continuam insatisfatórias, mas até as taxas de analfabetismo continuam também altas (13,6 %), fazendo com que a aliança da pobreza com a dificuldade de acesso aos bens e serviços estatais, impeça qualquer reivindicação por este contingente. Sem saber ler e escrever, as pessoas não têm acesso aos meios de comunicação; sem dominar os códigos mínimos desta sociedade movida pela informática e pelo uso intensivo da tecnologia são meramente alijados de qualquer possibilidade de diálogo com as instituições governamentais ou não.

O reconhecimento da necessidade de efetiva participação na cultura letrada – na qual todas as informações ligam-se, direta ou indiretamente, ao código escrito, seguido de ações concretas – poderá permitir que as pessoas não sejam automaticamente excluídas da maior parte dos seus direitos de cidadãos.

A percepção desta realidade por uma instituição de ensino certamente deverá desencadear ações no sentido de minimizar dentro de seus limites uma realidade injusta que historicamente foi determinada pela exclusão consciente ou não destas pessoas. Talvez, as ações de grande porte fossem viáveis e surtisserem resultados numericamente grandiosos, mas a necessidade de oferecer e minimizar problemas já existentes fez com que a opção

fosse pela qualidade do trabalho de alfabetização a ser desenvolvido dentro de uma realidade que nos circunda: o Bairro São Pedro, em Vitória, estado do Espírito Santo.

O Projeto São Pedro na Ponta do Lápis

No início do ano de 2002, a Faculdade Integrada São Pedro - Faesa consciente da necessidade de consolidar uma efetiva inserção dentro da realidade que a cerca, planejou o *Projeto de Alfabetização São Pedro na ponta do lápis* implantado e implementado em agosto do mesmo ano.

A localização do *campus* II da Faesa – com cursos nas áreas de educação, comunicação e saúde – dentro de um bairro resultante da ocupação de um lixão, conhecido nacionalmente como o *lugar de toda pobreza*, fez com que desde o início as faculdades desenvolvessem com esta comunidade relações destinadas a minimizar seus problemas.

Este bairro, resultante de uma ocupação desordenada na década de 1970, recebeu principalmente migrantes do interior do Espírito Santo, do sul da Bahia e leste de Minas Gerais, regiões com alto índice de analfabetismo. Vieram, sobretudo, para fugir das condições precárias da zona rural embalados pela perspectiva de empregos braçais na construção civil e nos serviços. A superação das condições adversas de saneamento e de moradia irão acontecer posteriormente, com investimentos em aterros, canalizações, rede de água, esgoto, eletricidade e telefone.

A comunidade de São Pedro nasceu da organização, dentre outros, de grupos reivindicatórios, religiosos que enfatizavam a necessidade da criação de escolas/creches e de áreas de lazer, de assistência à saúde e de transporte. Estes movimentos comunitários foram bastante ativos até meados da década de 1990, gerando debates, passeatas e discussões sobre os investimentos públicos. Atualmente, apesar de existirem, não aparecem tanto na imprensa em situações de conflito como antes. Na gênese de tais movimentos, encontramos a Igreja Católica, profissionais ligados à Universidade Federal do Espírito Santo e algumas organizações não governamentais que agora fazem parte da vida cotidiana do bairro.

Entretanto, há um aspecto característico das regiões que conseguem melhorias das condições físicas e sociais: com os benefícios, surgem, também, as exigências e compromissos próprios de uma comunidade organizada. Há que serem pagas contas, taxas e impostos; alimentos antes obtidos sem custos, agora têm que ser comprados.

Para o trabalhador analfabeto, sem qualificação profissional e sem emprego fixo, estes compromissos financeiros são inviáveis e podem ocasionar a venda de seu terreno/casa, levando-o novamente para outros locais sem infra-estrutura e saneamento básico, contribuindo para o aumento de uma população marginalizada, sem possibilidades de inclusão social e de acesso aos bens e serviços que a sociedade oferece.

Conseqüentemente, para resgatar sua cidadania e diminuir o quadro de injustiça social, é preciso dar-lhe condições mínimas de inserção

nesta sociedade letrada e cada vez mais exigente em termos de qualificação de seus trabalhadores. Foi este o motivo que deflagrou o planejamento do *Projeto São Pedro na ponta do lápis*: a compreensão de que nada será possível em termos de inclusão social, se este pressuposto básico – o acesso à escrita – não for atendido.

Entretanto, tinha-se clareza de que alguns pontos em relação à alfabetização teriam que ser considerados:

- não se pretendia proceder a um processo de alfabetização em massa, apenas para apresentarmos algo quantitativo para os órgãos governamentais ou para divulgação. As classes seriam constituídas por, no máximo, 20 alunos, com dois alfabetizadores em cada uma, para um atendimento de excelente qualidade;
- tentar-se-ia eliminar, na medida do possível, os fatores que dificultam o processo, quais sejam: aqueles ligados aos aspectos somáticos (dificuldades auditivas, visuais, nutricionais, dentre outras) e emocionais (frustrações anteriores, auto-estima abalada e ambiente estranho);
- também não se pensou em uma alfabetização feita rapidamente, em um curto espaço de tempo, pois seriam oferecidas, paralelamente, outras ferramentas para os ingressantes, como acesso aos rudimentos de informática e algo relacionado à profissionalização;
- como dois terços dos analfabetos brasileiros têm mais de 40 anos, esperávamos também pessoas com agravos à saúde ligados, principalmente, a doenças crônico-degenerativas.

Descrição da metodologia utilizada

Após o planejamento inicial e o levantamento do número de pessoas que se declararam analfabetas no bairro – quase 3000 – sem contarmos evidentemente os analfabetos funcionais, iniciou-se o processo de organização tendo em vista os pressupostos anteriormente descritos.

Tivemos então três fases principais, antes do início dos trabalhos propriamente ditos:

- preparação da equipe de alfabetizadores (alunos do curso de Pedagogia) e instrutores de informática (monitores dos curso de Ciência da Computação), devidamente supervisionados pelos professores da Faesa;
- divulgação do *Projeto para a Comunidade de São Pedro* por meio de contatos com as lideranças, agentes comunitários de saúde e de folders. Estes agentes foram convidados para uma reunião na instituição e colocados a par dos propósitos do trabalho e da metodologia a ser desenvolvida;
- matrícula dos candidatos por meio de entrevistas, para serem detectadas as suas necessidades e expectativas. Na ocasião, não foram postos empecilhos de nenhuma espécie, principalmente em termos da exigência de documentos. Como seriam formadas três turmas com 20 alunos cada, foram matriculadas 63 pessoas com idades variando de 17 a 73 anos, para casos de desistências. Como tivemos pelo menos mais 38

peças que procuraram o projeto, formamos um cadastro reserva de candidatos para a continuação do Projeto.

Iniciou-se, então, o trabalho de alfabetização, na perspectiva do método global que, partindo da realidade social do indivíduo, tem como objetivo inseri-lo dentro de um código escrito. A primeira fase do *Projeto São Pedro na ponta do lápis*, durou um ano e desenvolveu-se em 165 dias letivos, totalizando uma carga horária de 495 horas.

O projeto estruturou-se em dois módulos, com duração de um semestre cada. O *módulo I*, iniciado em setembro de 2002, foi cumprido em 77 dias letivos, com carga horária de 231 horas, sendo que destas 42 horas foram destinadas à Informática e 08 horas às ações de promoção da saúde.

O *módulo II* iniciou-se em fevereiro de 2003, com duração de 88 dias letivos, somando carga horária de 264 horas. Foram destinadas 52 horas de aulas nos laboratórios de informática e 28 horas de ações de promoção à saúde. Foram oferecidas também Oficinas de Formação do Trabalhador com 40 horas e que contemplaram aspectos importantes solicitados pelos alunos, dentre outras a Matemática Aplicada à Construção Civil e Empreendedorismo.

O período letivo encerrou-se em julho de 2003 e os alunos foram encaminhados à rede pública de ensino para prosseguimento dos estudos. Buscando garantir este processo, a equipe pedagógica fez o levantamento das escolas de preferência e articulou com a Secretaria Municipal de Educação a reserva de vagas, bem como o

processo de matrícula. Na ocasião, foram acompanhados durante o primeiro mês pela professora orientadora do processo de alfabetização até se sentirem integrados à nova realidade.

Concluíram o curso 58 alunos dos 63 matriculados inicialmente e, após avaliados pelas escolas receptoras, foram alocados de acordo com o rendimento apresentado nas seguintes séries: 27 alunos nas turmas de 1.^a e 2.^a séries; 20 alunos na 3.^a série.

Cerca de 11 alunos não mostraram interesse em prosseguir os estudos e não se matricularam nas escolas referenciadas.

Ações complementares à alfabetização

Para que este processo se concretizasse, visando a atender à filosofia do projeto de não só alfabetizar como também promover a Educação de Jovens e Adultos, diversas ações foram muito importantes.

Apresentaremos, de forma resumida, alguns aspectos relevantes deste processo de educação que tentou abranger faces tão diversas como a saúde e a inserção social destes indivíduos e de outros atores como os alfabetizadores. Foram eles:

1. Preparação da equipe pedagógica

Esta etapa objetivou dar sustentação aos monitores alfabetizadores – alunos do curso de pedagogia – para um prática reflexiva baseada

nos princípios freireanos de educação popular. Isto foi viabilizado através de um Programa de Educação Continuada iniciado em julho de 2002. Dentre os temas abordados tivemos, além das oficinas de sensibilização e reconhecimento do bairro, o que se segue:

- Breve histórico da educação de jovens e adultos no Brasil.
- Avanços e demandas da educação de jovens e adultos para o século XXI.
- Educação de jovens e adultos – currículo e planejamento.
- Literatura da alfabetização de jovens e adultos.
- Alfabetização e letramento – ressignificando conceitos.
- Alfabetização de jovens e adultos – um processo em construção.
- Informática aplicada à educação de jovens e adultos – novas possibilidades de aprendizagem.
- Fórum virtual – utilização e aplicação do sistema na alfabetização de jovens e adultos.
- Matemática na educação de jovens e adultos.
- Arte na educação de jovens e adultos.
- Atividades de formação continuada que aconteceram durante todo o período letivo, em reuniões semanais, perfazendo um total de 154 horas que possibilitaram uma avaliação da prática pedagógica de forma crítica, o que evidenciou a necessidade da busca constante por uma educação de qualidade.

2. Proposta de promoção da saúde

Ao recebermos os alunos para o *Projeto São Pedro na ponta do lápis*, percebemos como já referenciado, que diversos agravos à saúde poderiam interferir na alfabetização. Assim sendo, docentes e alunos da Faculdade de Ciências da Saúde da Faesa elaboraram uma proposta de detecção destes problemas, com propostas de intervenção. Isto possibilitou uma ação articulada entre os diferentes cursos que foram de uma entrevista inicial, passando por um exame físico, até uma intervenção direta para resolução ou minimização dos agravos.

Os dados foram coletados na forma como foram referenciados pelos entrevistados e mostra uma amplitude que exigiu da equipe de saúde uma intervenção abrangente. Com certeza não se conseguiu resolver todas as situações referidas, mas foram todas consideradas e receberam a orientação devida.

Alguns aspectos, entretanto, se destacavam e exigiam uma intervenção relativamente urgente, como os problemas visuais, auditivos e odontológicos. A seguir uma descrição resumida da forma como estas situações foram tratadas pela equipe de saúde:

- *Problemas visuais*. Encaminhamento para exames por meio de parceria com o Ambulatório de Oftalmologia do Hospital Universitário da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES e doação de óculos feitas por uma ótica local que os forneceu a todos que deles necessitaram, já que os alunos teriam dificuldades de adquiri-los, no total 36 alunos.

- *Problemas ligados à audição e à fala.* Encaminhamento a exames audiométricos e orientação pelos docentes e alunos do curso de fonoaudiologia na Clínica da Faculdade de Saúde da Faesa.
- *Problemas odontológicos.* Todos os alunos, independentemente de sentirem ou não dores ou outros sintomas, foram examinados na Clínica da Faculdade de Odontologia da Faesa e priorizados nos atendimentos. Estes tratamentos, por serem demorados, ainda estão sendo feitos, mesmo após o término do último módulo.

3. *Atendimento nutricional*

A preocupação com a alimentação dos alfabetizandos permeou todo o processo de construção do projeto, pois sabia-se que a maioria dos candidatos sairia do trabalho e viria diretamente para a sala de aula. Portanto, foi solicitado ao Curso de Nutrição da Faesa a elaboração de um cardápio mensal, que desse conta de atender às especificidades destas pessoas. Posteriormente, ocorreu uma reordenação tendo em vista a realização dos exames físicos que detectaram diabéticos, hipertensos e portadores de patologias gastrointestinais.

As refeições eram servidas no restaurante do *campus* II da Faesa, antes das aulas acompanhadas e avaliadas todas as semanas quanto à qualidade e à satisfação do gosto dos alunos. Foram servidas, no total, cerca de 8500 refeições durante a realização dos dois módulos do projeto.

4. Uso da informática como instrumento auxiliar

Ao colocarmos a informática como parte do processo de inclusão dos alunos dentro de uma sociedade que cada vez mais se vale da tecnologia, pensou-se em desmistificar determinados procedimentos simples, que são exigidos no cotidiano de todos, como o uso de senhas, o uso de cartões magnéticos em bancos que, simples para os letrados, são intransponíveis para os não iniciados. Entretanto, além destes aspectos, percebeu-se que as aulas semanais de informática, além de subsidiarem na alfabetização, eram um momento de descobertas e, por que não dizer, até lúdico.

5. Oficinas de formação do trabalhador

A proposta para a realização de oficinas de formação do trabalhador foi, desde o início, pensada tendo como perspectiva a possibilidade de fornecer alguns instrumentos básicos que enriquecessem os participantes com conhecimentos ligados ao empreendedorismo e ao trabalho que já executam.

Desta forma, foi feito um levantamento das demandas que percebiam importantes para a potencialização do trabalho já exercido. Foram elas:

- Matemática aplicada à construção civil;
- técnicas de pinturas em paredes;
- abertura do próprio negócio e busca de financiamento;
- aulas de corte, costura e bordado.

Buscou-se, então, profissionais que pudessem, em horário alternativo, trabalhar estes conhecimentos. Alguns aspectos, entretanto, teriam que ser garantidos para um resultado efetivo, como professores que, além do conhecimento, tivessem afinidade com a proposta do projeto e que, portanto, se identificassem com a educação de jovens e adultos. Não se conseguiu atender a todas estas demandas, pois foram oferecidos os cursos de Matemática aplicada à Construção Civil (20 horas) e Empreendedorismo (12 horas). Com a anuência dos interessados, mulheres em sua maioria, foi oferecido um curso de Aproveitamento de Alimentos (08 horas) em substituição ao de Corte e Costura. É importante assinalar que todos os alunos quiseram participar do Curso de Empreendedorismo.

Considerações Finais

Talvez, mais do que um produto final em termos quantitativos, este projeto tenha valorizado o processo a ser desenvolvido: pensou-se mais em qualidade e solidez do conhecimento e da relação destas pessoas com o mundo, do que apenas em treiná-los para escrever o próprio nome e conhecer/reconhecer palavras sem entender-lhes o sentido.

Entretanto, um dos resultados que mais se destacam, refere-se a termos tido poucas desistências, e estas se darem devido a fatores alheios ao processo em si, como por mudança de moradia e morte em família. Dos 63 que iniciaram, 58 receberam a certificação como participante do projeto, como já foi mencionado.

Todavia, para falar de resultados em sua forma mais ampla, menos quantitativa, é importante reproduzir algumas falas de nossos alunos:

Para mim, foi importante descobrir que sou um cidadão, com este pouco tempo que estudei...

..a oportunidade que tive aqui na Faesa marcou a minha vida, pois antes eu não sabia pegar ônibus, ler e escrever, adquirir mais amor pela minha vida.

Se fossemos falar em beneficiados e em resultados, teríamos que analisar os dois lados: de um os alunos do *Projeto São Pedro na ponta do lápis*, satisfeitos e nos dando depoimentos agradecidos no encerramento dos módulos. Do outro a Instituição Faesa, que, através de seus diretores, professores, funcionários e alunos também aprenderam. Aprenderam a construir uma relação baseada no respeito aos diversos saberes trazidos pelos alfabetizandos; aprenderam a ouvir; aprenderam, principalmente, que, acima das diferenças sociais, está o ser humano que quer crescer, que quer apenas viver com dignidade para ser feliz.

E aqui se aplicam os versos do poeta Thiago de Mello na sua *Canção para os Fonemas da Alegria*:

Peço licença para terminar
soletrando a canção da rebeldia
que existe nos fonemas da alegria:
canção de amor geral que eu vi crescer
nos olhos do homem que aprendeu a ler.

Referências Bibliográficas

DUBET, François. A escola e a exclusão. São Paulo: **Cadernos de Pesquisa**, Fundação Carlos Chagas, n.119, p.29-45, julho/2003.

FERRARO, Alceu Ravello. Analfabetismo e níveis de letramento no Brasil: o que dizem os censos? **Educação e Sociedade**, Campinas, vol.23, n. 81, p.21-47, dez. 2002.

FREIRE, Ana Maria Araújo. **Analfabetismo no Brasil**. 3.^a ed. São Paulo : Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 13. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Brasil: Séries Estatísticas Retrospectivas**. Rio de Janeiro,1970.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. Rio de Janeiro: **Revista Brasileira de Educação**, n.12, pg. 59 a 73, set/out/nov/dez. 1999.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil**. 16.^a ed. Petrópolis : Vozes, 1994.

SANTOS, Geovânia Lúcia dos Santos. A educação ainda que tardia: a exclusão da escola e a reinserção de adultos das camadas populares em um programa de EJA. **Revista Brasileira de Educação**, n.24, p.101 a 125 set/out/nov/dez 2003.

Projetos Concorrentes ao Prêmio Top Educacional Professor Mário Palmério 2003

Ação básica de cidadania

Coordenador: Dilma Alves de Carvalho

Mantenedora: Unidade Baiana de Ensino, Pesquisa e Extensão

Mantida: Escola Superior de Educação Ipitanga

Dirigente: Ana Maria de Barros Santos Soares

E-Mail: assessoria@unibahia.br; santosoares@zipmail.com.br

O projeto trata a problemática do analfabetismo de jovens e adultos no Brasil em uma perspectiva de inserção de indivíduos analfabetos na sociedade em menor tempo possível, visando à sua formação como ser autônomo, crítico e reflexivo, consciente de suas capacidades, capaz de contribuir para transformar e tornar mais justa a sociedade.

Alfabetização de adultos, saúde e cidadania

Coordenador: Albina Dolores Herbas Zapata

Mantenedora: Omec S/C Ltda

Mantida: Universidade de Mogi das Cruzes

Dirigente: Regina Coeli Bezerra de Melo Nassri
E-Mail: reitoria@umc.br

O projeto integra áreas multidisciplinares articuladas nos seguintes blocos de conteúdo: valores humanos, nutrição, farmácia, enfermagem, medicina, odontologia e psicologia, atendendo às necessidades humanas, propiciando melhor visão e qualidade de vida para os alfabetizados e para as comunidades de baixa renda do Alto Tietê, visando a torná-los agentes multiplicadores de conhecimentos nas áreas citadas.

Alfabetização de jovens e adultos

Coordenador: Zilda de Macedo C. Guapyassú
Mantenedora: Instituto Superior de Ensino Celso Lisboa
Mantida: Centro Universitário Celso Lisboa
Dirigente: Eunice do Vale Madeira
E-Mail: reitoria@celsolisboa.edu.br

O Centro Universitário Celso Lisboa, levando em consideração a existência de vários funcionários semi-analfabetos da Instituição, bem como as vantagens advindas da localização da instituição junto a comunidades oriundas de classes populares, vem realizando, desde maio de 2003, o projeto *Ler para Saber* com 20 alunos possuidores de vivências escolares diversificadas. A metodologia do projeto baseia-se no Método Paulo Freire, tendo como base a interdisciplinaridade e o instrumental da linguagem e da realidade

social. O projeto é avaliado continuamente pelas coordenadoras, estagiários e alunos, contribuindo para a reelaboração dos objetivos do trabalho realizado.

Alfabetização de jovens e adultos com ênfase nas questões socioculturais

Coordenador: Maria Auxiliadora Cavazotti

Mantenedora: Sociedade Civil Educacional Tuiuti Ltda

Mantida: Universidade Tuiuti do Paraná

Dirigente: Luiz Guilherme Rangel Santos

E-Mail: maria.cavazotti@utp.br

O programa de alfabetização de jovens e adultos, com ênfase nas questões socioculturais, desenvolvido junto à população de baixa renda da Favela do Champagnat, em Curitiba, objetiva socializar o conhecimento produzido na Universidade Tuiuti do Paraná, elevando as condições de vida da comunidade, cujas dificuldades se manifestam de forma aguda. Realizado por professores e alunos, o programa contribui para desenvolver nos acadêmicos a capacidade de criação de estratégias coerentes com as condições concretas produzidas pela exclusão social. A importância do Programa advém, sobretudo, do impacto social, pois busca a melhoria das condições sociais da comunidade, por meio do processo de alfabetização e discussão de questões socioculturais, além do incremento da capacidade crítica e de autonomia da comunidade.

Alfabetização e cidadania – livro didático para alfabetização de jovens e adultos

Coordenadores: Antonio Bittencourt Jr., Antonio J. de Santana,
Joana Dárc, Luzia Cristina
Mantenedora: Associação Sergipana de Administração
Mantida: Universidade Tiradentes
Dirigente: Jouberto Uchôa de Mendonça
E-Mail: paace@unit.br; antonio_bittencourt@unit.br

A proposta resulta da análise crítica dos materiais didáticos (livros/cartilhas) destinados a alfabetizar jovens e adultos. Com isso, tem como objetivo alfabetizar, estimulando a valorização da história, da cultura popular sergipana e da cidadania.

Alfabetização e profissionalização: uma proposta em favor dos moradores do entorno da UVV

Coordenador: Marly Imperial Garabeli
Mantenedora: Sociedade Educacional do Espírito Santo
Mantida: Centro Universitário Vila Velha
Dirigente: Manoel Ceciliano Salles de Almeida
E-Mail: imperial@uvv.br

O *Programa de Alfabetização e Profissionalização* do Centro Universitário Vila Velha busca resgatar a participação social e a auto-estima do aluno, preparando-o para o exercício pleno e consciente da cidadania, qualificando-o para inserção no mundo do

trabalho e da produção. A primeira etapa constituiu-se de 130 horas de oficinas integradas de alfabetização, coerentes com as necessidades e possibilidades dos 32 jovens e adultos (com idades de 20 a 77 anos) analfabetos e semi-alfabetizados, residentes nas comunidades de Vista da Penha, Boa Vista I e II, que se situam no entorno do Centro Universitário. Na consecução de suas ações, o trabalho contou com a participação de 34 voluntários/parceiros, compreendendo: alunos, funcionários, professores, coordenadores de cursos e diretores da Instituição. Contou, ainda, com as Associações de Moradores e com a direção da Escola Estadual Professor Geraldo Costa Alves.

Alfabetizando com alegria e responsabilidade social

Coordenador: Ronaldo Ribeiro Leite

Mantenedora: Fundac

Mantida: Centro Universitário de Belo Horizonte

Dirigente: Francisco Mercedo

E-Mail: rleite@unibh.br

O projeto, desenvolvido dentro do UNIBH, em parceria com o MEC dentro do Projeto Brasil Alfabetizado, destina-se a alfabetizar adultos a partir dos 16 anos e a promover sua inserção no contexto social e profissional. Além disso, busca a recuperação dos valores humanos e a auto-estima dos alunos por meio do saber e da integração à sociedade em condições de igualdade com os indivíduos já alfabetizados. O projeto contempla jovens e adultos analfabetos cadastrados pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte.

Conhecimento tácito e analfabetismo : caminhos cruzados para a cidadania

Coordenador: Alceu Antônio da Costa

Mantenedora: Centro Regional de Cultura

Mantida: Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas do Sul de Minas

Dirigente: José Mauro Ferraz

E-Mail: cpe@facesm.br

O projeto visa a melhorar a qualidade de vida (renda e conhecimento) da população de baixa renda onde a exclusão social é inevitável, com tendências a aumentar, devido à introdução das novas tecnologias de comunicação e informação no setor produtivo da região, gerando poucas posições de trabalho e salários mais elevados. O combate ao analfabetismo para a inclusão social se dá nos níveis da escola básica e do setor produtivo onde conhecimento tácito e educação serão convergentes para a inclusão social e a consolidação da cidadania.

Crescer em busca da Excelência – Alfabetização de jovens e Adultos

Coordenador: Maria Angélica Melo Andrade

Mantenedora: Fundação Comunitária Tricordiana de Educação

Mantida: Universidade Vale do Rio Verde

Dirigente: Prof. Dr. Adair Ribeiro

E-Mail: angelica@unincor.br

O projeto visa a alfabetizar funcionários da Universidade Vale do Rio Verde (Unincor) que, na prática cotidiana, proporcionam aos alunos da instituição conforto e bem estar necessários ao seu aprendizado. Tais funcionários trabalham na universidade como serviços de faxina e serviços gerais. Alguns jamais freqüentaram uma sala de aula, outros cursaram até a 4.^a série do antigo primário, na zona rural. O projeto fundamenta-se na concepção de que a educação é a base da cidadania, e que, por meio dela, o homem torna-se sujeito ativo, crítico e participativo, capaz de contribuir para transformar a sociedade em que está inserido.

Educação e Alimentação – uma ação interdisciplinar

Coordenador: Aparecida Salvador

Mantenedora: Organização Santo Andreense de Educação e Cultura

Mantida: Faculdades IESA

Dirigente: Neuza Aparecida Garcia Hashiguchi

E-Mail: faculdade@iesa.edu.br

O projeto *Ler e Aprender* das Faculdades IESA realizou o curso. Alimenta-se bem com 1 real, para alunos alfabetizados, com o objetivo de reter o aluno na escola, ensinando-o a se alimentar de forma adequada e econômica.

Erradicação do analfabetismo de jovens e adultos por meio da interação com a arte e cultura popular

Coordenador: Rosa Maria Maia Gouvêa Esteves

Mantenedora: Sociedade Barramansense de Ensino Superior

Mantida: Centro Universitário de Barra Mansa
Dirigente: Haroldo Carvalho Cruz
E-Mail: ubm@ubm.br

O projeto tem como objetivo proporcionar aos alunos uma alfabetização significativa, por meio de uma metodologia de trabalho que utilize como referencial a cultura trazida pelos alunos, como culinária, dança, costumes, literatura, folclore local, músicas. Isto é, a partir do imaginário já construído, busca-se conferir à alfabetização o seu real papel social, ou seja, a inserção de adultos e jovens como participantes dos diferentes contextos da sociedade.

Esquecimento e singularidade em Buíque: combate ao analfabetismo e educação de jovens e adultos

Coordenador: Maisa dos Reis Quaresma
Mantenedora: Centro Educacional de Realengo
Mantida: Universidade Castelo Branco
Dirigente: Paulo Alcântara Gomes
E-Mail: mquaresma@castelobranco.br

Trata-se de projeto-piloto realizado pela Universidade Castelo Branco (RJ), em Buíque/PE, durante a execução do Programa Alfabetização Solidária (PAS). De dezembro de 1996 a dezembro de 1999, foram implementados seis módulos, cursos de alfabetização, para 62 turmas e 1.686 alfabetizandos, aplicadas propostas pedagógicas pelos alfabetizadores buíquenses com acompanhamento e

avaliação pela autora da pesquisa. Após um biênio de atuação pôde ser evidenciado que o sucesso do modelo do PAS esteve diretamente relacionado à continuidade e à regularidade das intervenções mensais da coordenação geral da Universidade Castelo Branco, com o apoio da prefeitura municipal e de parceiros do PAS.

Construção de uma prática pedagógica de integração entre pedagogos e de alfabetização de jovens e adultos

Coordenador: Maristela de Fátima Brito Borges e Maria das Graças Ferreira

Mantenedora: Fundação Comunitária Educacional e Cultural de Patrocínio

Mantida: Faculdades Integradas de Patrocínio

Dirigente: Cleide Maria de Brito Souza

E-Mail: diretoria@fip.edu.br

A disciplina de alfabetização de jovens e adultos ministrada para pedagogos do 5.º período veio possibilitar aos alfabetizadores e alfabetizando a aquisição de conhecimentos e a visão crítica dos fatos sociais, culturais e educacionais, bem como proporcionar a reconstrução do pensamento e a interação com a sociedade. Neste contexto, pedagogos e alfabetizando sentiram a necessidade de trocar conhecimentos integrados tanto do ponto de vista acadêmico quanto de vivência dos alfabetizando para aplicação da prática pedagógica.

IESB em ação – alfabetização de jovens e adultos da Vila Varjão

Coordenador: Edson Machado de Sousa

Mantenedora: Centro de Educação Superior de Brasília

Mantida: Instituto de Educação Superior de Brasília

Dirigente: Eda C. B. Machado de Souza

E-Mail: posgrad@iesb.br

O *Projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos* faz parte do Programa IESB em Ação, e foi criado em 2003, com a finalidade de atender a um público da Vila Varjão, uma das comunidades mais carentes de Brasília. Dos 9.966 habitantes, 15,1% são analfabetos. O Projeto baseia-se no Método Paulo Freire, buscando oportunizar, em 120 horas, uma aprendizagem de 1.200 palavras. O curso é aberto, isto é, recebe alunos durante todo o período de funcionamento, sendo a turma dividida em duas fases: alfabetização e pós-alfabetização. O trabalho é realizado de forma gratuita e voluntária, por um grupo de sete alunos do Curso Normal Superior, duas professoras supervisoras e dois coordenadores. Iniciado com uma turma de 9 alunos, em junho de 2003, na Associação Cristã do Lago Norte/Casa São José, o curso tem atualmente 21 alunos. Outra turma, iniciada em agosto de 2003, na Associação dos Idosos, tem 38 alunos.

Lendo a vida na escola

Coordenador: Fatima Chiapetta

Mantenedora: Universidade Metodista de São Paulo

E-Mail: fatimachiapetta@ig.com.br

Um dos maiores desafios com que se defronta a educação de jovens e adultos é a evasão. Os alunos iniciam seus estudos e em pouco tempo, devido a vários fatores - cansaço físico causado por esforços demasiados em seu trabalho e baixa auto-estima - desmotivam-se de forma generalizada. Acreditam serem incapazes de aprender e velhos demais para voltar a estudar. Com o objetivo de reverter este quadro, a Universidade Metodista de São Paulo promoveu um trabalho voltado à leitura. Para o primeiro exercício foi escolhido o livro *Fernão Capelo Gaivota*, que retrata o medo e a vontade de ousar e de lançar-se a novos vôos em busca de novos conhecimentos. Surgiu daí a idéia de os alunos escreverem histórias e confeccionarem seus próprios livros, dentre os quais se destacam: *A vida de uma família; Coisas de João; O nosso Bairro; Nossas Brincadeiras de infância; Nossas receitas*, além da versão dos alunos sobre a história de Fernão Capelo Gaivota.

Novo caminhar: oficinas de leituras em reuniões pedagógicas – uma experiência política e pedagógica com professores alfabetizadores do Programa Alfabetização Solidária em Poço Redondo – Sergipe

Coordenador: Isis Mota Rodrigues Dantas

Mantenedora: Universidade Federal de Sergipe

E-Mail: isismota@bol.com.br

Procurou-se criar situações em que o falar, o ler e o escrever, longe de serem exercícios mecânicos e sem sentido, para os professores alfabetizadores de Poço Redondo-Sergipe, fossem organizados na

forma de projetos de leitura e escrita, a fim de aperfeiçoar o letramento dos atores e co-atores no processo de alfabetização de jovens e adultos do *Programa de Alfabetização Solidária – PAS*. Concluiu-se que o processo de aquisição da leitura e da escrita pelos alunos de Poço Redondo se deu através do cotidiano de cada um, associando o que o aluno lê à sua realidade social e cultural. Trata-se de uma nova forma de trabalhar com os educandos, na formação de leitores e escritores autônomos, capazes de se comunicar com competência e sem discriminação.

O ensinar e o aprender de jovens e adultos leitores e produtores de texto

Coordenador: Maria Conceição Pillon Christofoli

Mantenedora: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

E-Mail: neja@pucrs.br

O estudo analisou o processo de aprendizagem da língua escrita, em uma análise reflexiva de propostas metodológicas para a alfabetização de jovens e adultos com vistas à construção do conhecimento pelo aluno. A pesquisa foi realizada com uma abordagem etnográfica tendo como instrumentos a coleta de dados em cursos de formação e visitas de acompanhamento aos alfabetizadores de jovens e adultos das cidades de Araci, Crisópolis e Rio Real, no Estado da Bahia, inseridos no Programa Alfabetização Solidária. O órgão responsável pela formação do grupo de alfabetizadores foi o Núcleo de Educação de Jovens e Adultos (Neja) da Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul de Porto Alegre.

Da análise dos dados emergiram quatro categorias que serviram para o redimensionamento da prática formativa do Neja, por meio de cursos com novas abordagens pedagógicas.

O planeta pede socorro: água!

Coordenador: Fátima Chiapetta

Mantenedora: Universidade Metodista de São Paulo

E-Mail: fatimachiapetta@ig.com.br

A partir do filme *A Corrente do Bem* procurou-se refletir com os alunos sobre o papel de cada um na preservação do meio ambiente e especificamente da água, enfocando seu caráter esgotável. Com o objetivo de promover mudança de atitude em relação ao uso da água, utilizamos textos escritos, linguagens orais e imagens. Detectadas as necessidades de mudanças de atitudes, procuramos envolver a comunidade, por meio da distribuição de mensagens de incentivo ao consumo consciente, contendo advertências sobre os riscos, do desperdício. A avaliação comparou as mudanças por parte dos alunos.

Os caminhos e os descaminhos da alfabetização solidária no município de José da Penha – RN

Coordenador: Joaquim de Medeiros Neto

Mantenedora: União Norte do Paraná de Ensino S/C Ltda

Mantida: Universidade Norte do Paraná

Dirigente: Elisabeth Bueno Laffranchi

E-Mail: pedagogia@unopar.br

Esse projeto pretende demonstrar a realidade educacional no âmbito da educação de jovens e adultos e analisar os resultados obtidos, até o momento, com o desenvolvimento do Programa Alfabetização Solidária no Município de José da Penha-RN, com o qual a Unopar estabeleceu parceria, desde 1998, para alfabetizar jovens e adultos que ainda não tiveram oportunidade de construir os conhecimentos básicos da leitura e da escrita, fator este que interfere no exercício pleno da cidadania. O trabalho é inédito, tanto no âmbito daquele Município, como no âmbito institucional, favorecendo, por meio dos resultados obtidos, um novo processo de melhoria da qualidade de vida do cidadão nordestino. Além disso, poderá contribuir para a adequação de outros projetos de alfabetização de jovens e adultos. As atividades educativas, no seu conteúdo e dinâmica, fazem parte do projeto permanente da Unopar, que fortalece ainda mais e dinamiza a educação continuada em nosso País.

Palavra sinonímia de sobrevivência

Coordenador: Rosane Salete Freytag

Mantenedora: Fundação Universidade do Estado do Mato Grosso

Mantida: Recursos do Governo Estadual

Dirigente: Coordenador do Campus Aumeri Carlos Bampi

E-Mail: freytag@unemat.br

A cidade de Barão do Melgaço/MT, no Pantanal Matogrossense, transmite, por meio dos veículos de comunicação de massa, a imagem de um ambiente de belas paisagens e riquezas. Constatou-se

um problema na região – o desequilíbrio ambiental entre o homem, a fauna e a flora. Procurou-se, então, em parceria com os alfabetizadores de jovens e adultos, transformar as salas de aula num espaço de letramento em prol da qualidade de vida dos educandos, visando à sobrevivência do homem em equilíbrio com seu espaço socialmente constituído.

Pedagogia e compromisso social: a Univale na educação de jovens e adultos

Coordenadores: Maria Celeste Reis Fernandes de Souza; Maira Alvarenga.

Mantenedora: Fundação Percival Farquhar

Mantida: Universidade Vale do Rio Doce

Dirigente: Prof. Dr. Marcelo Marigo

E-Mail: pedagogia@univale.br; m.celeste@wkve.com.br

O projeto pedagogia e compromisso social: a Univale, na Educação de Jovens e Adultos iniciou-se em 1999, com a proposta de alfabetização e pós-alfabetização de funcionários da Universidade que trabalhavam nas atividades de limpeza e construção civil. A partir dessa data, o projeto foi ampliado e hoje atende a diversos grupos da comunidade valadarense, dentre os quais se destacam adolescentes menores infratores e catadores de material reciclável, oferecendo a esse público desde a alfabetização até a conclusão referente a oito anos iniciais da Educação Básica, em uma perspectiva de educação continuada.

Preparando professores para alfabetizar

Coordenador: Carmen Sá Brito Sigwalt
Mantenedora: Programa Alfabetização Solidária
Mantida: Universidade Federal do Paraná
Dirigente: Alessandra Regina Ceccon Grando
E-Mail: ale_grando@yahoo.com.br

O desafio enfrentado pela Universidade Federal do Paraná, em parceria com o *Programa Alfabetização Solidária*, foi o de implantar um projeto de educação de jovens e adultos e qualificar professores alfabetizadores, a fim de obter resultados positivos frente a um altíssimo índice de analfabetismo. O projeto foi desenvolvido em São Tomé e Príncipe, um país africano de língua portuguesa e com grande necessidade de um projeto de alfabetização. A proposta pedagógica apresentada e desenvolvida pela UFPR tem demonstrado excelentes resultados.

Programa Sorocaba e região 100 analfabetos

Coordenador: Beatriz Elaine Picini Magagna
Mantenedora: Fundação Dom Aguirre
Mantida: Universidade de Sorocaba
Dirigente: Aldo Vannucchi
E-Mail: beatriz.magagna@uniso.br

A Universidade de Sorocaba, no início do ano de 1998, em parceria com a Arquidiocese de Sorocaba, promoveu uma ação de educação

de jovens e adultos – o *Programa Sorocaba e Região 100 Analfabetos*. Trata-se de uma resposta concreta à situação de exclusão de uma parcela expressiva da população, privada de um de seus direitos fundamentais: o de uma educação gratuita e de qualidade. Desse modo, a universidade cumpre a sua missão: ao integrar ensino, pesquisa e extensão, ao produzir conhecimentos e ao formar profissionais para serem agentes de mudanças sociais à luz de princípios cristãos.

Programa UniRitter de incentivo a leitura

Coordenador: Jane Narvaes Bestetti

Mantenedora: Sociedade de Educação Ritter dos Reis

Mantida: Centro Universitario Ritter dos Reis

Dirigente: Flavio Romeu D’Almeida Reis

E-Mail: reitoria@ritterdosreis.br

A partir de uma concepção clara de formação continuada, o UniRitter, com a participação de acadêmicos dos cursos de Letras e Pedagogia, desenvolve propostas pedagógicas voltadas à construção da competência lingüística de sujeitos adultos, alfabetizados ou não alfabetizados. Qualificando os processos de construção de conhecimento de adultos, na busca de formas autônomas e criativas de ler e interpretar o mundo, liberando-os do estatuto de analfabetos, analfabetos funcionais ou mal alfabetizados, o UniRitter assume sua responsabilidade na construção coletiva de uma sociedade mais justa, de direitos universais assegurados para todos. O *Programa UniRitter de incentivo à leitura*, em parceria com instituições de

diferentes naturezas, como hospital, presídio feminino, asilo de idosos e empresa de transporte coletivo, entre outras, vem desenvolvendo ações baseadas na concepção de que a educação se faz ao longo da vida e em diferentes situações. Neste sentido, permite que jovens e adultos - já alfabetizados, com diferentes etapas e histórias de escolaridades, de diferentes idades, em determinados contextos de convívio social - tenham experiências coletivas de leitura, de acordo com suas características, interesses, anseios, condições e projetos de vida.

Projeto alfabetização comunitária de jovens e adultos no Cesut

Coordenador: Sonia Maria Vilela de Moraes

Mantenedora: Associação Jataiense de Educação

Mantida: Centro de Ensino Superior de Jataí e Colégio Cesut

Dirigente: Evaristo Anania de Paula

E-Mail: cesut@cesut.com.br

O projeto na perspectiva de integração escola-comunidade visa a dar oportunidades de alfabetização a jovens e adultos, levando a instituição a uma maior inserção no desenvolvimento social da comunidade. Visa, ainda, a proporcionar melhores oportunidades de vida àqueles que não tiveram acesso aos estudos preliminares. O projeto em seu quarto ano de existência permitiu que 150 pessoas da comunidade de Jataí pudessem ter acesso às primeiras letras, e em alguns casos, melhorar as funções desempenhadas nos seus empregos. A parceria com o Banco do Brasil, através do BB Educar permitiu a formação de um expressivo número de alfabetizadores de

jovens e adultos, ampliando, significativamente, o número de profissionais capazes de atuar na área.

Projeto de alfabetização de jovens e adultos

Coordenador: Maria Sílvia Tavares Papa

Mantenedora: Associação Educacional do Litoral Santista

Mantida: Centro Universitário Monte Serrat

Dirigente: Maria Ottilia Pires Lanza

O Projeto de alfabetização de jovens e adultos da Unimonte, cujos custos operacionais são exclusivamente da Instituição, faz parte do Programa Programa de Alfabetização e Inclusão (PAI), da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, cujos objetivos estão em plena consonância com os ideais que norteiam a atuação de nossa extensão comunitária, expressando em suas atividades o compromisso social em relação à comunidade do complexo metropolitano da Baixada Santista. O Projeto, instalado no Colégio José Bonifácio, conta com uma classe de 25 alunos e com duas monitoras, alunas do Curso de Pedagogia da Unimonte.

Projeto de formação de formadores para a educação inclusiva na Unisanta

Coordenador: Fabio Giordano

Mantenedora: Instituto Superior de Educação Santa Cecília

Mantida: Universidade Santa Cecília

Dirigente: Silvia ângela Teixeira Penteadó

E-Mail: silvia@unisanta.br

O projeto contempla um conjunto de cursos, oficinas desenvolvidas pelo corpo docente da Universidade Santa Cecília, em programas próprios e em parceria com programas governamentais e de ONG's, que objetivam a formação de professores alfabetizadores. Neste trabalho, a Unisanta comprova o seu histórico de atuação na área de extensão universitária, desde o ano de 1992, em conjunto com uma proposta de atuação cidadã na área educacional, valendo-se de uma fórmula rápida e eficiente para se atingir os nobres objetivos da diminuição do analfabetismo de adultos no País, capacitando agentes multiplicadores.

Projeto pé na escola

Coordenador: Rosecler Goulart e Ilma Barbosa

Mantenedora: Unitas

Mantida: Faculdades Integradas de Tangará da Serra - MT

Dirigente: Dra Daniella Luiza Freire Krakhecke

E-Mail: sandra@unitas.edu.br

Trata-se de um programa de alfabetização de jovens e adultos, desenvolvido pela instituição há quatro semestres letivos e inteiramente ministrado pelos acadêmicos em cada 5.º semestre, do curso de Pedagogia, concomitante ao oferecimento da disciplina teórica sobre alfabetização e metodologia de ensino. A cada semestre, os estudantes têm aulas durante 5 horas semanais, ministradas por acadêmicos. O trabalho é acompanhado e avaliado pela coordenação do projeto. Com isto, busca-se vencer as variadas limitações encontradas no processo ensino-aprendizagem da leitura

proposta de ensino; sair dos limites da cognição e ganhar proporções de produtividade, pela atenção e dedicação quase que individual, tendo como resultados semestrais, índices inexpressivos de desistência.

Projeto transFORMAR

Coordenador: Hozana Cavalcante

Mantenedora: Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro
Firjan e Serviço Social da Indústria – Sesi / RJ

Mantida: Firjan – Sesi / RJ

Dirigente: Andrea Marinho

E-Mail: hcavalcante@firjan.org.br

O Projeto transFORMAR, idealizado pela Firjan - valendo-se da metodologia desenvolvida pelo Sesi-RJ para Educação de Jovens e Adultos, com origem nas suas 22 Escolas distribuídas pelo Estado e atuação nos mais diversos segmentos da sociedade (espaço industrial, canteiros de obras, associações, igrejas, hotéis, entre outros) - iniciou, no ano de 2000, um grande movimento em parceria com as Prefeituras dos Municípios do Estado do Rio de Janeiro com o objetivo de contribuir para a erradicação do analfabetismo, tendo como resultado o atendimento a 17.001 jovens em situação de risco, na faixa etária de 15 a 19 anos. Assim, ao tornar-se apto a ler e escrever, o jovem caminha para o exercício mais esclarecido de seus direitos e deveres. O benefício estende-se indiretamente pela comunidade local, gerando recursos e oportunizando renda para diferentes atividades profissionais.

Normas para apresentação de originais

A Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES), por meio do *ABMES Cadernos*, publicará trabalhos – ensaios, artigos de pesquisa, textos de referência e outros – sobre temas e questões de interesse específico das instituições de ensino superior associadas, os quais deverão ser submetidos à aprovação da Diretoria da ABMES.

Os trabalhos deverão ser inéditos e enviados para a publicação exclusiva do *ABMES Cadernos*.

Apresentação de originais

Observar as seguintes normas na apresentação dos originais:

1. Título acompanhado do subtítulo, quando for o caso, claro, objetivo e sem abreviaturas.
2. Nome do autor e colaboradores por extenso, em itálico e negrito, com chamada (*) para rodapé, onde serão indicadas duas credenciais escolhidas pelo autor.
3. Dados complementares sobre o autor e colaboradores – endereço para correspondência, telefone, fax, e-mail, vinculação institucional, cargo, área de interesse e publicações.
4. Resumo de dez linhas que sintetize os propósitos, métodos e principais conclusões do trabalho.

5. Texto digitado em espaço duplo, fonte 12, formato *Doc* do *Microsoft Word*. Salvo casos absolutamente excepcionais e justificados, os originais não devem ultrapassar o limite de 15 a 20 páginas digitadas. O texto deverá ser enviado por e-mail (abmes@abmes.org.br).
6. Citações de autores, no correr do texto, deverão subordinar-se às normas da ABNT. Exemplos: a) De acordo com Barbosa (2002, p.26), “o protestantismo no Brasil foi encarado como intruso durante todo o século XIX, tanto pelos missionários que lutaram para superar as difíceis barreiras, mas principalmente pelos representantes da Igreja Romana”; b) “O protestantismo no Brasil foi encarado como intruso durante todo o século XIX, tanto pelos missionários que lutaram para superar as difíceis barreiras, mas principalmente pelos representantes da Igreja Romana”. (BARBOSA, 2002,p.26); c) Citação da citação: Analisando a marcha abolicionista no Brasil, perguntou-se à época: “o que nós queremos que o Brasil se torne? Para que é que trabalhamos todos nós, os que, com a opinião dirigimos seus destinos?” (RODRIGUES, 1871 apud BARBOSA, 2002, p. 115).
7. Obras do mesmo autor e do mesmo ano deverão ser ordenadas em ordem alfabética, seguidas de letras do alfabeto: 1997a, 1997b,1997c, discriminado-as, no corpo do texto, sempre que forem citadas.
8. As citações de até quatro linhas devem ser destacadas no parágrafo entre aspas sem alteração do tamanho de letra. As citações de mais de quatro linhas deverão ser destacadas em espaços recuados à esquerda e à direita, em tipo menor, e sem aspas.
9. O uso de citações em negrito e em caixas altas deverá ser evitado.
10. As palavras e/ou expressões em língua estrangeira deverão manter aparecer em itálico.
11. Siglas e abreviações deverão aparecer registradas entre parênteses, após o significado de cada uma delas. As siglas de mais de quatro letras formando palavras devem aparecer em caixa alta e baixa. Exemplo: Unesco, Semesp, Funadesp.

Referências bibliográficas

Livros

DIAS, Gonçalves. **Gonçalves Dias**: poesia. Organizada por Manuel Bandeira; revisão crítica por Maximiano de Carvalho e Silva. 11.ed. Rio de Janeiro: Agir, 1983. 175p.

BARBOSA, José Carlos. **Negro não entra na igreja**: espia na banda de fora. Protestantismo e escravidão no Brasil Império. Piracicaba: Editora Unimep, 2002. 221p.

COLASANTI, Marina. **Esse amor de todos nós**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. 231p.

OLIVEIRA, José Palazzo et al. **Linguagem APL**. Porto Alegre: CPGCC da UFRGS, 1973. 15p.

Artigos em periódicos

MOURA, Alexandrina Sobreira de. Direito de habitação às classes de baixa renda. **Ciência & Trópico**, Recife, v.11, n.1, p.71-78, Jan./Jun. 1983.

METODOLOGIA do Índice Nacional de Preços ao Consumidor – INPC. **Revista Brasileira de Estatística**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 162, p. 323-330, Abr./Jun. 1980.

3. Artigos em jornais

COUTINHO, Wilson. O Paço da Cidade retorna seu brilho barroco. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 6 Mar. 1985. Caderno B, p.6.

BIBLIOTECA climatiza seu acervo. **O Globo**, Rio de Janeiro, 4 Mar. 1985. p.11, c. 4.

4. *Leis, decretos e portarias*

BRASIL. Decreto-lei n. 2423, de 7 de abril de 1998. Estabelece critérios para pagamento de gratificações e vantagens pecuniárias as titulares de cargos e empregos da Administração Federal direta e autárquica e dá outras providências. **Diário Oficial** [da República Federativa do Brasil], Brasília, v. 126, n.66, p.6009, 8 Abr. 1998. Seção 1, p.1.

5. *Coletâneas*

ABRANCHES, Sérgio Henrique. **Governo, empresa estatal e política siderúrgica: 1930-1975**, in O . B. Lima & S. H. Abranches (org.), *As origens da crise*, São Paulo, IUPERJ/Vértice, 1987.

6. *Teses acadêmicas*

VON SIMSON, Olga de Moraes. **Branco e negro no carnaval popular paulistano**. Tese de Doutorado. FFLCH/USP, 1989.

Os artigos recebidos, aceitos ou não para publicação, não serão devolvidos aos seus autores.

O envio de trabalhos implica cessão de direitos autorais para o ABMES Cadernos.

Os autores receberão 10 exemplares de cada edição do *ABMES Cadernos*.

Os textos assinados são de responsabilidade de seus autores.

Esta obra foi composta em Univers 45 Light e impressa nas oficinas da Athalaia Gráfica e Editora Ltda, no sistema off-set sobre papel polén soft 80g/m² miolo, com capa em papel Couchê Fosco 180g/m² para a ABMES, em junho de 2004. Athalaia Gráfica e Editora Ltda. Fone: (0**61) 344-1002 – Fax: (0**61) 344-2827 e-mail (athalaia@athalaia.com.br).